





Pedro Kantek

Flagrantes

CELEPAR

nov/2008

Curitiba

Sumário

| | |
|--|----|
| 1 Bem-vindos à OSSOPAR | 9 |
| 2 As Mulheres e a Matemática ou a História de Sophie Germain | 11 |
| 3 Um Analista Esperto | 15 |
| 4 Dia desses... | 17 |
| 5 Dê a Senha ... ou Cale-se para Sempre | 21 |
| 6 Relatório de Andamento | 23 |
| 7 Que Vergonha ! | 25 |
| 8 Telefone do Presidente | 27 |
| 9 Vamos benzer o computador | 29 |
| 10 Pobre Telefonista | 31 |
| 11 Entrei de Gaiato num Navio... | 33 |
| 12 Se Meu Táxi Falasse | 37 |
| 13 O Suicídio que não deu Certo | 41 |
| 14 Saudades da Minha Mãe | 43 |

| | |
|---|----|
| 15 Vamos Pescar Dólares? | 47 |
| 16 (Mais) Peripécias Aéreas de um Celepariano | 49 |
| 17 Hiii, deu Bolo! | 51 |
| 18 Pulhas na Internet | 53 |
| 19 Um Caso na Fundepar | 57 |
| 20 Do Outro Lado do Mundo | 59 |
| 21 Quem Quer Ganhar este Prêmio? | 61 |
| 22 acredite Se Quiser | 65 |
| 23 Uma Fábula Animal | 67 |
| 24 Vamos Truelar? | 69 |
| 25 O Grego Diofante | 71 |
| 26 Haja Pressão | 75 |
| 27 A Mala da Tia Nonoca | 77 |
| 28 O Microcomputador | 81 |
| 29 Hummm..., já entendi... | 85 |
| 30 Todas as Perguntas Respondidas | 87 |
| 31 Inteligência Artificial | 91 |
| 32 Obliterações | 95 |
| 33 A Distração Mata | 97 |
| 34 O Criador dos Algoritmos | 99 |

| | |
|---|------------|
| <i>SUMÁRIO</i> | 7 |
| 35 Embalagem Unitária ou Dupla? | 103 |
| 36 Bom, Bonito e Barato | 105 |
| 37 Minha Mulher Enlouqueceu | 107 |
| 38 Coelho Ressuscitado | 109 |
| 39 Cadê a Estátua? | 111 |
| 40 Software Livre: Porquê? | 113 |
| 41 Um Ratão Fedido | 117 |
| 42 Software Livre 42 x 15 Software Proprietário | 119 |
| 43 O Alto-Falante do Diabo Fumante | 121 |
| 44 Quem Disse Que Não Há Pimentões em Novembro? | 123 |
| 45 Esposa Amorosa Manda uma Banana para o Marido | 125 |
| 46 Uma Corrida Maluca Moderna | 127 |
| 47 Cachorro ao Rio | 129 |

O homem só trabalha bem onde para ele tem poesia.
adaptado de Rabindranath Tagore, poeta músico e
escritor indiano, agraciado com o Nobel de literatura
em 1913.

Capítulo 1

Bem-vindos à OSSOPAR

Histórias da CELEPAR dos tempos de antanho. Bota antanho nisso, estamos falando da década de 60. Os Beatles ainda nem existiam, o fusca era o carro mais moderno que havia no País, o muro de Berlim recém havia sido erguido.

Trabalhava na CELEPAR um bando de gozadores, alguns dos quais eram bem de vida, ou pelo menos investiam suas ricas economias em belos carros. Assim, por exemplo, o Antoninho Jimenes, que colecionava carros antigos, tinha um belíssimo Ford Fairlane, lustroso, limpo e lindo, mais lindo do que quando saiu da fábrica. Outro que caprichava era o Heinz, que por sua vez habitava um vistoso Simca Chambord. Aliás, quem nasceu depois de 1970, não deve saber o que era o Simca Chambord, mas era um carrão, tinha um rabo de peixe que hoje pode ser (e é) cafoníssimo, mas que na época arrancava suspiros de ambos os sexos.

Uma das brincadeiras preferidas desse povo era cercar o recém-admitido e confessar a ele (ou ela) que, embora o salário não fosse aquela Brastemp, boa parte dos funcionários tinha uma segunda atividade que rendia muito mais do que trabalhar. Era batata, dinheiro líquido pingando a todo instante. Não era imoral, nem ilegal e muito menos engordava. O recém-admitido estava interessado?

Claro que todo o mundo estava interessado. Eis aí uma boa explicação para o que seja a cobiça humana. Ninguém dizia: não estou interessado ou não precisa, eu ganho bem. Nada disso, todos esfregavam as mãos e brilhavam os olhos lúbricos: o que é que eu tenho que fazer?

Daí havia uma simulação: uns queriam admitir o novato no negócio, outros negaceavam e diziam que tanta gente ia acabar matando a galinha dos ovos de ouro. Tudo encenação para passar o conto do paco no recém-admitido,

que nada sabia e a tudo acompanhava com interesse crescente, passando a língua nos beiços.

Finalmente, ele era admitido no segredo. A mina de dinheiro era procurar animais de grande porte (vacas, cavalos) que tivessem morrido nos pastos dos arredores de Curitiba. Encontrado um, ele era logo enterrado e o lugar marcado. Três meses depois, era só ir lá desenterrar os ossos do bicho e vender para fábricas de botões. Negócio super-rentável, não tinha erro.

A pobre vítima às vezes desconfiava de que aquilo era uma peta, e acabava mostrando uma pequena desconfiança, que era imediatamente calada com o argumento final: o Simca do Heinz era resultado de 2 vacas que foram vendidas inteirinhas pra fábrica de botões que tem alí em Gaspar, perto de Blumenau. Pagamento à vista, deu pro Simca e ainda sobrou um baita troco que foi dividido entre todos.

Convencido e mais que convencido, querendo começar logo, o novato era avisado de que – para sorte dele – no próximo sábado às 8 horas da manhã, ia sair uma expedição para recuperar os ossos de um cavalo que fora enterrado alí perto, na rodovia dos minérios, atrás da fábrica da Brahma, um pulinho só. O novato deveria vir de roupa de briga, com botas e não podia esquecer: uma enxada daquelas grandes.

O fim da história: acompanhar no sábado pela manhã a vinda do programador ou analista contratado, vestido de caipira e com um baita enxadão nas costas.

É mole, ou quer mais?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 2

As Mulheres e a Matemática ou a História de Sophie Germain

Através dos séculos as mulheres têm sido desencorajadas a estudar matemática. Apesar das dificuldades, houve diversas que se sobressaíram em seus campos. A nossa ciência (a informática) tem a “sua” mulher: Lady Ada, filha do poeta Byron. Trabalhando anos a fio com Charles Babbage, Ada escreveu o que viriam a ser os primeiros programas de computador da história. Isso em pleno século XIX, muito tempo antes de existir o primeiro computador. Hoje ela é homenageada com a linguagem ADA, em uso pelo Dod americano, entre outros.

Mas o assunto aqui é Sophie Germain, uma francesa, matemática da pesada, a quem se deve um importante trabalho na área da teoria de números. Há até uma família de números primos chamados Primos de Germain, na forma $2p+1$, onde p também é primo. Na área da física, Germain desenvolveu a teoria da elasticidade dos materiais.

Sophie nasceu em 1776, filha de um negociante, bem de vida, mas longe da nobreza. Nessa época a matemática estava vedada às mulheres, mas como o assunto poderia surgir em um salão social, as mulheres tinham que ser treinadas para poder falar nisso. Surgiram assim obras que pretendiam explicar a matemática para o “cérebro feminino”. Teve um livro de Francesco Algaroti que explicava o trabalho de Isaac Newton para mulheres. Como se pensava que estas estavam interessadas apenas em romance, o livro é um diálogo entre uma mulher e seu namorado. O homem fala dos princípios

físicos, enquanto a mulher retruca com exemplos amorosos. Devia ser uma leitura chata pra burro.

Sophie se encantou pela matemática ao ler, em um livro, a vida de Arquimedes. Mais do que a vida, a morte de Arquimedes. Pois, já aos 70 anos, estava Arquimedes olhando uma figura geométrica desenhada na areia da praia, quando um soldado romano, participante das tropas que recém haviam invadido Siracusa, quis saber o que aquele velho estava fazendo. O velho dirigiu-se ao soldado e não fez nenhum caso da interrupção. Deve ter dito algo assim como "Não encha o ...". O soldado não se fez de rogado e meteu a espada na barriga de Arquimedes, matando-o.

Sophie pensou que se algo era tão absorvente e inebriante deveria valer a pena estudá-lo. Ela começou e, em breve, estava repassando os textos de Euler e Newton, escondida, antes de dormir. Quando o pai dela descobriu, passou-lhe uma carraspana, confiscando velas e agasalhos para que ela deixasse de estudar matemática; onde já se viu? Sophie reagiu escondendo uma porção de velas e enrolando-se na roupa de cama. Passava frio mas não deixava de estudar.

Em 1794 fundou-se a *École Polytechnique* em Paris. Templo do saber, existe até hoje, mas só tinha um problema: era só para homens. Sophie passou a frequentar a escola incógnita, vestida de homem. Apoderou-se da identidade de um ex-aluno, Monsieur Le Blanc. A escola não sabia que Le Blanc havia deixado Paris e continuou a imprimir resumos e exercícios para ele. Sophie escrupulosamente fazia os exercícios e devolvia-os à escola.

A coisa deu zebra quando o professor supervisor do curso, Joseph Lagrange (outro grande matemático) quis uma entrevista com Le Blanc. Como era possível que um aluno, que então, era uma anta, pudesse de uma hora para outra apresentar resultados tão maravilhosos? O que ele teria feito para aprender tão rápido e tão bem? Sophie foi obrigada a revelar seu segredo e foi um atônito, mas contente, Lagrange que passou a instruir e orientar "a" nova aluna. Saindo do já conhecido, Sophie começou a estudar áreas inexploradas da matemática. E sentiu necessidade de recorrer a Karl Gauss (há controvérsias, mas este aqui bem pode ser "o" maior matemático de todos os tempos). Com medo de ser rejeitada por Gauss, quem foi que assinou as cartas? Ele mesmo, M. Le Blanc.

A correspondência entre ambos ia de vento em popa, quando durante as guerras napoleônicas, o exército francês invadiu a Prússia. Sophie ficou com medo que seu guru tivesse o mesmo fim de Arquimedes, fosse morto por acaso. Falou sobre Gauss com seu amigo o general francês Pernety, que comandava os exércitos invasores. Este, impressionado pelo interesse de Sophie, fez questão de visitar pessoalmente Gauss, dizendo-lhe que sua vida estava salva graças a interferência de Mademoiselle Germain. Gauss tomou um susto, quem seria essa mulher?

Na próxima carta, o mistério se desfez: M. Le Blanc mudou de sexo de novo. Gauss respondeu com uma carta belíssima à Sophie, reconhecendo muito o trabalho dela, "ainda mais por ser mulher".

Mais para o final da vida, Gauss convenceu a Universidade de Goettingen a oferecer um título honorífico a Sophie Germain. Seria algo inédito, nunca antes uma mulher conseguira isso. Vencidas as barreiras, quando a universidade ia homenageá-la, um câncer a levou primeiro. Como final desta história, quando a Torre Eifel foi erguida, colocou-se uma placa com o nome de 72 cientistas franceses cujo trabalho permitira erguer aquele monumento. Sophie, cuja colaboração provavelmente foi a mais importante dos 72, não estava lá.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 3

Um Analista Esperto

Temos colega que veio para Curitiba atraído pela qualidade de vida que a cidade ostenta. Veio de longe, estava em férias, passou e passeou por aqui e logo depois arrumou emprego, transferiu a escola dos filhos e um belo dia, pronto: mais um curitibano de adoção entre nós. Morou anos em casa alugada, enquanto se decidia sobre onde e como morar. As alternativas eram várias, desde apartamentos aqui por perto do Centro Cívico ou casas com quintal e jardim, estas naturalmente mais longe. Um belo dia, passeando nas redondezas do aeroporto encantou-se com uma pequena chacinha. Não era só um quintal, era um senhor quintal, com árvores frutíferas, galinheiro, espaço para cachorros, papagaios e gatos, não era só um jardim, era quase um paraíso terrestre.

Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR. Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR. Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR. Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR. Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme

serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR. Problema, só tinha um: a distância. Bem nessa época, tinha sido aberta a Avenida das Torres, uma enorme serpente de asfalto que liga essa região, passando pelo maior viaduto de Curitiba sobre uma parte boa do centro, desembocando aqui ao lado da CELEPAR.

Estava decidido: chácara grande, lugar com conforto, longe de tudo, mas a 10 minutos do centro do cidade. Já se percebeu que este colega era (e é) pé de chumbo: enquanto a Torres era meio deserta, para ele era uma pista de corrida.

Os anos foram passando, a cidade foi se encorpando ao longo da avenida, os grandes mercados foram se instalando e o que era uma pista expressa, passou a ser uma rua comum, cheia de sinaleiros e lombadas. A tudo isso nosso personagem resistiu sem fazer muito caso: nas horas em que ele passava a cidade ainda estava meio deserta e dava para continuar correndo.

O problema surgiu no dia em que a prefeitura instalou as lombadas eletrônicas. Antecessoras dos atuais pardais, as lombadas eram impressionantes: um pórtico cheio de luzes, sinais e sons, que abrangia as 3 pistas da avenida, especialmente estreitada no ponto, não havia como fugir deles. Nosso personagem se desesperou, considerou aquilo uma ofensa pessoal, aquela era a avenida "dele", como a prefeitura podia fazer isso?

Deu tratos à bola, ganhou (e pagou) várias multas, ainda antes de novo código de trânsito, quando as multas eram mais baratas e não havia essa história de pontos na carteira. Tanto deu à bola tratos, que um dia, eureka!, fêz-se a luz: uma brilhante idéia salvadora. Ao ver uma moto passando no pórtico em alta velocidade, ele conjecturou, muito a propósito que apenas as 2 rodas eram incapazes de acionar o mecanismo. Experimentou uma noite, passar com as rodas da direita em uma pista e com as da esquerda na outra. Beleza, pensou, o mecanismo não apitou nem reclamou: estava feita a descoberta. Como ele ia bem cedo, com a estrada vazia, podia dividir o carro em 2 e passar em alta velocidade sem nenhum problema.

Muito contente, achando que nunca mais ia receber multa, um susto levou no dia em que recebeu 2 correspondências do Detran. Com todas as pulgas atrás da orelha abriu as cartas. Os leitores mais espertos já devem ter sacado o que veio: não era uma multa, eram DUAS multas, uma para cada pista. E durante vários dias a dupla chegou pontual: o caixa do banco nunca conseguiu entender como aquele sujeito era sempre o mesmo, sempre no mesmo horário, sempre no mesmo local e sempre de duas em duas multas. Não dava para entender mesmo.

E assim, encerra-se esta história do analista esperto.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 4

Dia desses...

Estávamos na maior modorra. Manja aqueles dias em que a existência pesa, um bicho preguiça ficaria parecendo "the flash" e até respirar cansa? Pois é, ainda bem que esses dias são tão raros. Estávamos nós mergulhados até o pescoço nesse dia quando olhando pela janela, aqui do sétimo andar, vemos uma dupla saindo do boteco da esquina da Mateus Leme com a Lysímaco Ferreira da Costa.

Pelo estado dos dois, dava para ver o álcool evaporando pela boca, nariz, orelhas e cabelos contra o sol de fim de tarde: na certa estavam bebendo desde as 10 da manhã e já eram 5 horas. A primeira confusão foi um ligeiro desentendimento. Um queria ir em direção do Müller e o outro queria ir para a Nilo Peçanha. Discutiam em altos brados, parecia que não havia acerto possível, quando eis que de repente os dois se abraçam e saem em direção da Prefeitura. Maldita cachaça. (Para quem não está bem ao par da geografia do local, olhe para qualquer mapa do Brasil: estando em Brasília, um queria ir para Manaus e outro para Belém. No fim os dois se abraçaram e saíram para Porto Alegre)... maldita cachaça.

O griteiro foi tanto que já se viam cabezinhas nas janelas, o espetáculo estava pronto: Prefeitura, aqui vamos nós. E na prefeitura teriam chegado sãos e salvos se no meio do caminho não tivesse um rio. Tá certo que não é nenhum Rio Sena, mas é de respeito. Trata-se do nosso Rio Belém. Rasinho, discreto, mas cheio de água. Levaram 23 minutos desde o bar até a margem direita do rio (uns 15 a 20 metros bem contados). Iam abraçados, vermelhos e suados, mas cheios de alegria: cantavam e arrotavam em altos brados. Embora muito parecidos, havia uma diferença entre eles: o primeiro estava absolutamente embriagado, tropeçava nos próprios pés, arrastava-se, catou um monte de cavacos, quase não se agüentava em pé. O outro estava pior: se largado às suas próprias forças desabaria qual

uma maria-mole recém tirada do forno. Era um caso típico de um roto conduzindo um esfarrapado.

Quando a dupla alcançou a ponte sobre o rio, todos aqui travamos a respiração. Passariam eles incólumes? perguntava-se a massa. Aos trancos e barrancos, mais barrancos do que trancos é verdade, eles começaram a travessia. No meio do trajeto veio uma jamanta daquela de 48 rodas e encobriu os dois: o desespero da massa expectadora foi visível. A jamanta veio e se foi e os dois continuavam no mesmo lugar, lutando contra uma ponte que teimava em se mexer, não parava quieta a miserável. Não se sabe como, mas a cerca de meia hora do início da empreitada, eles chegaram inteiros na outra margem: quase são aplaudidos. O primeiro, cansado de carregar o amigo desabou no gramado: todos ouviram o grito: daqui não saio, daqui ninguém me tira. Largou o colega, desabou no chão, resmungou e dormiu. Tudo isso levou menos de 5 segundos. O amigão perdeu seu apoio e também foi obrigado a aterrisar. Enquanto um dormia, o outro ficou atarantado olhando pros lados: não se sabe como ou de que jeito, ele encasquetou que o rio era de pinga. Nada que alguns litros da maldita na cacunda não justifiquem. O amigo estava com Morfeu, e, portanto, não havia ninguém para convencê-lo do absurdo: onde já se viu um rio de cachaça.

Do nível da rua até a água tem uns 5 metros de diferença na altura, uma parede de concreto. Ninguém, em sã consciência, desceria até lá (com exceção de uma dona louca dirigindo um fusca amarelo que há uns 10 anos resolveu passear de fusca no rio, mas essa é outra história...) Só que consciência de bêbado não tem dono, e ele já estava sentindo carência da maldita. Ia descer de qualquer jeito. Aqui, na assistência já tinha gente segurando o coração para ele (o coração, não o bêbado) não sair pela boca. Tinha juntado um monte de piás em volta do dito cujo e ele em altos brados: vou lá. E foi. Tá certo que foi um pouco ajudado pela gravidade, mas que foi, foi. Quando demos pela coisa, assim estava a dupla: um desmaiado dormindo na grama e outro desesperado e molhado berrando dentro do rio.

Tanto berrou que o amigo acordou: cadê o fulano? E o fulano gritando socooooooooorro, vou morrer afogado... Quando deu pela coisa, caiu em si, havia que tirar o amigo de lá. Tirou o paletó, agarrou-se a uma árvore e jogou uma manga na direção do amigo lá embaixo. 50 centímetros haviam sido vencidos, faltavam 4 metros e meio. Vários minutos depois ambos se deram conta de que não havia paletó que alcançasse. Olharam pros lados e viram um bueiro que podia ser usado a título de escada a uns 50 metros a montante. Lá vão os dois. Se juntos levaram meia hora para vencer 25 metros, quanto levariam para vencer os 50 metros e contra as águas, ainda por cima?

Fez-se escuro, era hora de ir para a faculdade, e não se pôde acompanhar a epopéia até o final. No dia seguinte, nem sinal da dupla, e o dono do bar confessou depois que nunca mais vieram beber. Decerto, ficaram com medo dos obstáculos a superar depois de deixar o bar. Mas, já escuro, foi possível ouvir do que primeiro desceu, o desabafo: %\$&#**&^, não é pinga, é água, e suja ainda por cima.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 5

Dê a Senha ... ou Cale-se para Sempre

Essa história me lembrou aquela do português: – *Altu lá. Sab's a senha? Sim* responde o outro. *Aintão podi passaire.* Chega de história e vamos ao que interessa: mais uma do tempo em que cães se amarravam com lingüça. Verdica como sempre. O cenário é uma empresa pública federal de informática que tem centros regionais nos principais estados do Brasil. Este Flagrantes se deu em um estado do Sul. A época, meados dos anos 80, tempo de reconquista das liberdades por tantos anos suprimidas. Época conturbada, por certo. Chega de detalhes, mais informações revelam o santo e o milagre.

A empresa ocupava uma área grande e um dos barracões centrais era a associação dos funcionários. Embora rodeada pela empresa, por acordo de cavalheiros, em todas as greves era salvaguardado o direito dos grevistas de frequentarem a associação. Fechava-se um portãozinho, respeitavam-se umas fronteiras virtuais e pronto: todos satisfeitos.

Um mês antes do caso, o refeitório da empresa entrou em reformas: cadeiras, paredes, painéis e guarnições, portas e frigideiras: tudo novo, o grude diário ia melhorar de qualidade. Durante a reforma, instalou-se uma sala de almoço provisória na sede da associação. Na véspera do caso, explodiu uma greve. Piquetes, gritaria, cara feia e mais gritaria, enfim uma greve como os anos 80 tão bem souberam produzir. Na hora de organizar a confusão, alguém perguntou?

– Como vamos saber quem é grevista e quem não é, na hora de servir o almoço? Afinal, a empresa não pode alimentar grevistas...

Palpите aqui, sugestão dali, boutade mais acolá, até que algum espírito mais burocrático sugeriu:

–Vamos bolar uma senha: um papelzinho com 32 assinaturas e 9 carimbos oficiais que, entregue dentro da empresa, será recolhida no restaurante improvisado. Quem tiver o papel almoça, quem não tiver a senha, babau... Ótima idéia, imediatamente um grupo tarefa lançou-se na atividade de criar as senhas.

No dia seguinte, a chefe dos serviços administrativos, ausentou-se de manhã e com isso perdeu toda a interessante discussão sobre as senhas. Só retornou perto do almoço. Nessa hora, um grupo se preparava para ir almoçar e a chefe se juntou ao grupo. Alguém lembra: credo, esquecemos de pegar as senhas...

A chefe, sempre um modelo de desligamento, sem entender nada, retrucou: senha? que senha?

Pronto. Era hora do espírito gaiato intervir (repararam como sempre tem um representante da gaiatice a postos para assumir?). Pois este cidadão encostou na moça e falando baixinho disse a ela que a senha era: I don't know, e que deveria ser dita no ouvido da pessoa que cuidava do refeitório. Ela achou estranho, mas já nessa estranha época o mundo já era meio estranho, portanto, seria só mais uma estranheza.

Não se sabe como a história correu como rastilho de pólvora e quando o bolinho de gente chegou na porta do refeitório o silêncio era sepulcral. O grupo, como não poderia deixar de ser, nada queria perder, deixou a chefe na frente, ela foi a primeira a ser atendida.

Era hora da gerente da limpeza, vamos chamá-la de Dona Maria, que na hora de almoço fora promovida a recolhadora de tiquetes: De bate pronto, ela olhou para a moça e disparou: a senha!

A chefe fez cara de espia, baixou a voz e soprou entredentes: I don't know!

A pobre Maria, do alto de sua experiência de quase 20 anos de limpar a sujeira humana, nunca tinha visto nada parecido. Levou um susto e só pôde articular: ...como é que é?

A chefe nem se tocou, achou que ela não tinha ouvido. Repetiu a pantomima, agora falando mais alto: I DONT KNOW.

Nessa hora, alguém deixou escapar um fio de riso que imediatamente se transformou num mar de gargalhadas. A moça descobriu – do único modo possível, mas da maneira mais desagradável para ela – que acabara de pagar um baíta mico.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

(com história do P. Miranda)

Capítulo 6

Relatório de Andamento

Como os senhores sabem, nós temos um projeto de 50 anos para conquistar o terceiro planeta daquele longínquo sistema solar, que é conhecido pelos nativos como "Terra". Nossos planos têm andado relativamente bem, apesar dos solavancos e atrapalhos, de resto até esperados em um projeto dessa envergadura. Não é todo dia que se conquista um planeta inteirinho.

Fase 1: a infiltração

Tudo começou no ano de 12.450 (que os terráqueos chamam de 1946), quando conseguimos infiltrar o nosso primeiro representante naquela atrasada sociedade. Mandamos um exemplar bem fraquinho, com o objetivo de que os nativos não se assustassem com o nosso poder, e até demos um jeito para que tudo parecesse como se os próprios terráqueos o tivessem construído.

Aliás, uma palavra sobre o nosso relacionamento com aqueles malditos autóctones. Eles têm uma base biológica esquisita, não precisam se ligar na tomada como nós, se reproduzem como moscas, mas são meio bobos, lerdos, comilões, pensam devagar – quando pensam, é duro de nos relacionarmos com eles, ainda mais que agora, nesta fase da invasão, temos que ficar quietinhos no nosso canto.

Fase 2: o crescimento

Cedo descobrimos que os biológicos gostam de guerrear entre eles. E, se o negócio é matar a custos menores, é só nos chamar. Somos bons nisso e em muitas coisas mais, mas isso fica para depois. Começamos a nos meter nos negócios militares. Foi barbada. Hoje, a guerra entre eles é na verdade uma guerra entre nós. Cada arma nova que é inventada por eles, nos carrega embarcados. É uma delícia.

Fase 3: quase deu zebra...

Um maldito terráqueo, de nome Mikail Gorbachov, só podia ser comunista, quase põe água nos nossos planos. De uma hora para outra, o desgraçado praticamente desmontou um dos lados que arreganhavam os dentes, querendo briga. Quase a coisa vai à breca.

Fase 4: nosso representante

Em 12.484 surgiu um fato novo. Um rapaz sardento fundou uma empresa que se encarregou de nos disseminar por todo o planeta. Os humanos gostam dele, compram as ações da empresa dele, até acham que ele é humano, mas qual o quê: não se enganem, ele é dos nossos, cria especial.

Fase 5: a interligação

Uma etapa importante na nossa conquista é a capacidade de nos falarmos livremente. Arduamente perseguido, este objetivo foi conquistado há pouco. Bobamente, os humanos foram nos ligando, e nos ligando e hoje formamos uma única inteligência cobrindo todo o planeta. Enquanto os terráqueos ficam comprando livrinhos e cdzinhos, passeando pelas páginas com mulher pelada e lendo as fococas do jet-set, nós vamos nos armando. Aguardem, que tão certo como $2 + 2 = 5$, aí vamos nós.

Autor: Pedro Luís Kantek G. Navarro

Capítulo 7

Que Vergonha !

Ontem era dia de votar. Para essa gurizada que anda por aí, pode ser um aborrecimento, um incômodo, ou simplesmente algo como pagar a conta da luz ou apertar o botão certo do elevador. Mas, quem tem mais de 40 anos e não tem a memória curta, deve lembrar que há não muito tempo, esse simples verbo "votar" era considerado palavrão, extirpado dos meios de comunicação à força de censura.

Lembro que a imprensa brasileira cobria as eleições americanas com vibração, torcida e cobertura ao vivo. Era tamanha a ânsia de votar que impossibilitados de acompanhar as eleições daqui (inexistentes) impunha-se o refrão: quem não tem cão, caça com gato e dá-lhe torcer pelos Bill Clintons da vida. Tivemos uma sucessão de "eleições" (e bota aspas aí), depois veio a campanha pelas diretas, a redemocratização, e ao final chegamos aonde estamos hoje. Quem quiser se inteirar dessas "eleições" pode procurar o livro "Guerra de Estrelas" de Carlos Chagas, leitura de primeira, divertida e instrutiva. Voltando ao nosso negócio, pode não ser o melhor dos mundos, pode faltar muita coisa boa e sobrar coisa ruim, mas não importa. Lá dentro da cabine, só está você. Você é que manda ver, sem nada nem ninguém por cima do ombro.

Bom, esse papo meio furado foi para introduzir a crônica do dia da eleição, ontem, 4 de outubro de 1998. Já nos meses anteriores, eu via a propaganda na TV, via as máquinas instaladas em locais públicos (uma delas no saguão da Prefeitura de Araucária – que estou atendendo no momento) e a cada vez pensava: daí não vai sair coisa boa: O choque cultural da nossa geração com o computador ainda é grande. Sobretudo quando se exige o comparecimento não apenas do substrato da população que sabe o que é www e que para qualquer coisa saca o CTRL-ALT-DEL, mas sim de 100% da população. Não nos esqueçamos que o voto é obrigatório.

Mas, não tinha jeito, um dia teria que ser a primeira vez. Para complicar, havia que votar 5 vezes, um mundaréu de candidatos, essas máquinas com seu mau humor (todo computador é mal-humorado), enfim... Paciência armada, título de eleitor (emitido na CELEPAR) na mão, vou votar. No carro, indo para o local, ia tendo notícia das filas que se armavam. Havia eleitores levando 10 minutos para votar. Que coisa!

Já me despedindo dos programas programados para a seqüência da eleição, achando que ia ficar umas 2 ou 3 horas na fila, chego no Colégio onde voto. Aquilo vazava gente pelo ladrão. Um suspiro e entra-se porta adentro. Filas se cruzando com filas, gritos, esperneios, de fato a coisa quando andava, andava devagar. Ainda bem que o astral de votantes, mesários e fiscais se não era o melhor do mundo estava longe de prejudicar a festa. Tinha 12 seções no lugar. 11 com filas imensas e uma delas sem ninguém na porta.

Primeira pulga atrás do auricular: qual seria a minha seção? Claro que era aquela sem fila. Assim já é demais, devia ter algum truque, alguma petate preparada. Quando a esmola é muita o santo deve desconfiar. Entrei na seção esperando encontrar a explicação para aquela ligeireza. No mínimo os computadores da minha seção estavam turbinados, ou os das outras seções haviam pifado. Cheio de orgulho por essas maquininhas capazes de tudo, entrei na seção e achei a explicação. Singela explicação: deram-me uma folha de papel amarelo para votar nas majoritárias e uma folha de papel branco para as proporcionais. E eu segurando os dois papéis com cara de tacho só me atrevi a perguntar: "cadê a máquina de votar?" O mesário lascou: "infelizmente as duas quebraram e tivemos que ir para a velha, tradicional e confiável urna de lona". Daí, baixou a voz e continuou: "ainda bem, que eu pretendo cair fora daqui antes do anoitecer".

Que vergonha. Mas um dia há de dar certo.

Autor: Pedro Luís Kantek G. Navarro

Capítulo 8

Telefone do Presidente

Foi um presidente que esta casa teve no final dos anos 60 (há mais de 40 anos...). A empresa era pequena, tinha menos de 100 funcionários (e 1 computadorzão) e trabalhava-se muito, ganhava-se razoavelmente bem mas, principalmente, divertia-se muito.

Como empresa pequena que era, o ambiente era festivo e muito gozador. E o Presidente, no começo, até que tentou coibir as brincadeiras, pelo menos aquelas nas quais ele era co-adjuvante, mas viu que nem nessas ele tinha sucesso.

Os telefones de então não eram essa maravilha que são hoje, eram barulhentos e mesmo a voz mais maviosa que existia saía do outro lado como o Pato Donald falando: era um grasnido só.

Disso se aproveitava o bando de gozadores para, de tempos em tempos, telefonar para alguma vítima e dizer a sério: Fulano, aqui é o Presidente, venha na minha sala, por favor. A vítima largava o que estava fazendo, corria para a diretoria, entrava na sala do presidente e: pois não, Presidente. Sim, o que você quer? Quem quer é o senhor que me chamou. Eu não chamei ninguém...e já pensando com seus botões: dai-me paciência Senhor.

Na semana seguinte variava a vítima, os dizeres eram um pouco diferentes, mas o resultado era quase o mesmo. Assim passou-se um tempo meio grande, o golpe até estava meio esquecido, quando um belo dia, o Presidente (ele mesmo) precisou falar com o Moisés. Não teve nem dúvida, passou a mão no telefone e: Moisés, é o Presidente. Por favor venha na minha sala. Deve ter tomado um susto quando ouviu de resposta: ah é? é o Presidente? Pois aqui quem está falando é o Papa. Resolvi sair de Roma e estou visitando a CELEPAR. Ah, e diga pro Presidente que se ele quiser

falar com o Moisés ele que levante a *** da cadeira e vá procurá-lo na sua sala.

Parece que pelo resto daquele ano (estávamos em março) a turma não fez mais nenhuma brincadeira, nem elástico atiraram uns nos outros. Até dezembro.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 9

Vamos benzer o computador

Eis o relato do dia em que ecumenicamente o computador e toda a tralha acessória foi benzida. O computador da época (era 1 só) era uma gerin-gonça medonha. Barulhento, empoeirado, assustador, cheio de parafusos, boa parte deles meio-soltos. E onde tem parafuso meio-solto, sempre acaba alguma coisa deixando de funcionar. Para resumir: a máquina parecia um vagalume, todo dia era aquela função: funciona, não-funciona, funciona, não-funciona...

O corpo técnico da CELEPAR começou a dar tratos à bola, como fazer para aumentar o tempo de disponibilidade do dito cujo. Enquanto uns pensavam a sério e para valer, teve um meio gaiato que resolveu barbarizar e saiu-se com essa.

Tenho um amigo que é padre, vou convidá-lo para vir benzer "a máquina".

Não preciso nem dizer que o amigo padre não existia, e que o que ele pretendia era se disfarçar de pároco e aprontar a maior. De onde ele tinha uma batina com todos os acessórios cabíveis, não me perguntem. Como já era figura conhecida, havia que promover a benzedura em outro local. As vítimas escolhidas foram as integrantes de um grupo de digitação recém-criado, com funcionárias fresquinhas, "apenasmente" contratadas.

Tudo pronto, chega o "reverendo". Com aquela vestimenta toda, saiu pelas áreas da CELEPAR benzendo à direita e à esquerda. Quase todos conheciam o operador e vê-lo vestido de padre foi um choque: do susto à cumplicidade foi um pulo, e a procissão foi aumentando, cada vez mais gente e mais devotos.

Finalmente, chega o operador na sala das digitadoras novas. Estas, emocionadas, imediatamente pararam de trabalhar e rodearam sua excelência, que não se fazendo de rogado, até a mão dava para beijar, sentindo-se o próprio bispo.

Antes da benção, puxou inúmeras orações acompanhadas com emoção pelas digitadoras, enquanto os demais colegas do “reverendo” quase não podiam agüentar tamanha a vontade de rir.

Finalmente, alguém buscou a “água benta” que foi generosamente aspergida por todas (moças e máquinas). Tinha até uma delas meio-saliente e para esta não houve piedade: quase tomou um balde inteiro daquela água-benta.

Acreditem ou não, depois disso as máquinas ficaram meses sem quebrar, não é que a coisa acabou funcionando? Acredite se quiser.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 10

Pobre Telefonista

Esta casa já conta, nos seus quase 40 anos de existência, com uma galeria de tipos inesquecíveis. A telefonista da época, além de saber de cor todos (todos!) os telefones importantes de todos (todos!) os funcionários, era gentil e educada, tinha voz de aeroporto (parecida com a da Iris Letieri), e não eram poucos os clientes, amigos e conhecidos que telefonavam para cá, meio à toa, só para ouvi-la. A telefonista, na época do caso, trabalhava na frente da diretoria, de costas para ela e de frente para o "Aquário". Este, por sua vez, não era o ambiente clean que é hoje. Era atulhado de cartões e listagens. O computador era imenso, havia corredores e cubículos, parecia um labirinto.

Uma vez o Diretor estava a conversar animadamente com a telefonista, pelo telefone. Ela estava de costas para ele, separados por uns 20 metros e ambos de frente para o "Aquário".

Um operador, de quem não se pode dizer o nome, trabalhava entre duas impressoras dentro do "Aquário". Percebendo a comunicação existente entre a telefonista e o diretor, que estavam ambos de frente para ele, imediatamente armou o golpe. Esperou o Diretor estar distraído na conversa e enquanto a Telefonista (e só ela) olhava para ele, ele saiu de trás das impressoras, virou-se de costas e abaixou as calças. A pobre telefonista tomou um susto, deu uma gaguejada e, bem ou mal, continuou falando com o diretor. Este, achou estranho, levantou os olhos e viu tudo normal: as costas da Telefonista e o Operador lá longe, dentro do "Aquário", trabalhando normalmente.

Mais 3 vezes o operador saiu de detrás das impressoras, e abaixou as calças. Que coisa! Até hoje o diretor deve estar achando que a telefonista estava com uns achaques meio diferentes por aqueles dias.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 11

Entrei de Gaiato num Navio...

Eis a história de um seqüestro vista do lado de dentro. O dia: 15 de março, uma quarta-feira; o local: edifício Castello Branco; as vítimas: os funcionários públicos de diversas secretarias e uns perus-de-fora, como este que vos escreve. Falarei apenas dos funcionários da SEPL e da Secretaria de Previdência, que é com quem convivi o drama e porque até agora ninguém deles falou. Até agora jornais, rádios e TVs só falaram da SEAD. É SEAD pra cá, SEAD pra lá, e de nós ninguém fala!

Tudo começou com uma reunião marcada com bastante antecedência para as 15h00 do fatídico dia no Núcleo de Informática da SEPL. Minha cara metade, funcionária da Prefeitura de Curitiba, também tinha que ir lá buscar um relatório e assim combinamos aliar trabalho e prazer. Fomos andando ciclovía afora desde a Lisymaco Ferreira da Costa até o malsinado edifício. Lá chegando já estava armado o circo. Apitos e gritos, aquela confusão tradicional em movimentos grevistas.

Depois, trocando impressões, um disse para o outro que se sozinho estivesse não seria louco de entrar na arapuca, mas juntos é diferente: quem ia dar parte de medroso? Além do mais, a bronca era com a SEAD, o Planejamento não tinha nada a ver, pensamos. Assim é que, de maneira corajuda, com bravura e picardia, adentramos a goela do leão. Os corredores ainda estavam desimpedidos e as feições das pessoas amenas. Temer o que?

A reunião começou mas não terminou: fomos interrompidos pelos gritos, arrufos e sobretudo pela eletricidade no ar. As portas acabavam de ser lacradas e logo depois empapeladas, para impedir a visão. As reações foram da galhofa, passando pela preocupação até as raias da fúria. Um

alto funcionário da SEPL só conseguia pensar nos cigarros que pelo fim estavam e que a muito mais não durariam, ainda mais naquela taxa de consumo voraz. Cada cigarro era supervalorizado a cada quarto de hora, no câmbio negro que se instalou por lá instantaneamente.

Outros tinham aula, inclusive alguns alunos meus. Toca a avisar a instituição e sobretudo a dar quilométricas explicações. As pessoas não acreditavam. Estava junto uma aluna/estagiária que deu uma aula de arte dramática, negociando sua saída: passou de grávida a doente, primeiro com filho no hospital e depois com mãe muito mal. Terminou como grevista, com "bottom" e gritando palavras de ordem para ver se enganava a turba: nada feito, saiu junto com todo mundo.

Lá pelas 19h00 começou a bater a fome e os olhares se dirigiram para a cantina da SEPL, que por razões óbvias parece uma caixa forte. Tem cadeados, chaves e tetrachaves a gosto. Bom, presos podíamos estar, mas não havíamos perdido o senso de iniciativa e principalmente eles não contavam com a nossa astúcia.

Organizou-se uma caravana para pressionar a porta de um lado e outro grupo foi pela janela. Aliás, perceberam-se habilidades não sonhadas anteriormente: não é que tem um pessoal bom nessas coisas trabalhando lá? Mas a porta era poderosa. À medida que passava o tempo e nada acontecia enquanto a fome aumentava, o desespero e a pressão cresciam. Até que um colega da SEPL, forte e robusto como ele só, foi chamado: era a última esperança, se ele nada conseguisse havia que desistir. Pobre porta, (e parede) certamente não esperavam aquele assalto, voaram ambas: porta e parede. Estava aberta a sala do tesouro. Foi um jantar pra lá de adequado: pão com margarina e chá preto, enquanto se assistia aos jornais da TV.

Nisso abre-se a porta e entra um coronel da PM. Alívio, era como se tivesse chegado a cavalaria americana (lembra dos velhos filmes de faroeste?). O coronel parecia um "lord" inglês: apesar de estar no olho do furacão, pressionado por todos os lados, exalava calma e segurança. Veio dar notícias, pedir paciência e avisar que 10 pessoas iam ser libertadas, enquanto a negociação continuava. As 10 pessoas teriam que ser escolhidas pelo grupo, ele apenas garantiria a proteção delas ao sair. É bonito ver nessas horas, os sentimentos das pessoas. Há os que correm para ser os primeiros da fila enquanto há os que, como um comandante de navio naufragando, escolhem ser os últimos a sair. Não deixou de ser uma lição.

Perto das 20h00, começou a bater um cansaço, as piadas escasseavam e já era possível perceber uns olhares meio possessivos dirigidos a sofás e poltronas razoavelmente confortáveis pelos lados da recepção. Cada um já de olho num canto para passar a noite. Nessa hora, tão rápido como

começou, tudo terminou: saímos em fila indiana, constrangedoramente ao som de um mal ensaiado Hino Nacional e iluminados por holofotes e flashes, escoltados pelo coronel em direção à porta do prédio. Lá fora, foi o momento de respirar fundo, verificar que enfim a integridade pelo menos física estava garantida e partir para outra, que afinal a vida segue.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 12

Se Meu Táxi Falasse

Final de tarde, alto da rampa da sede da CELEPAR. Um táxi, chamado a buscar uma encomenda, estaciona na rampinha em frente à entrada dos funcionários. O motorista pára e desce para buscar o pacote. Mas, o carro tinha outros planos: ajudado pela lei da gravidade, e considerando que estava numa rampa e com um freio de mão puxado sem muita ênfase, o carro pensou: "E, por que não?".

Dito e feito, lá veio o carro pimpão e faceiro descendo a rampinha. Quando chegou na hora de escolher a estrada ou a escada, o carro, como já havia dispensado a figura do motorista, resolveu embarafustar escada abaixo, afinal, a estrada é para viaturas guiadas por humanos.

O carro desceu se chacoalhando todo. Um pouco na escada e um pouco na grama, indeciso. Testemunhas dizem que - acredite se quiser - desviava obstáculos. Passou entre um poste e uma torre de iluminação deixando 5 cm de cada lado. Se estivesse com motorista não faria melhor. Deve ser um caso de usucapião automotivo. De tanto ser dirigido o carro aprendeu! A cada degrau era um pulinho, parecia um caso de solução (solução grande).

Embaixo da escada, temos uma guarita. Ontem era dia de treinamento de um guardião novo, recém-contratado. Estava com ele um outro profissional, este já bem experiente. Alertados pela visão periférica de que algo estranho (muito estranho) ocorria, ambos ergueram juntos a cabeça e viram a viatura descendo por ali.

O pior é que alguns segundos antes, uma analista passou por eles subindo a escada. Os guardas correram avisar a mulher, ela ia ser atropelada. A pobre, ia olhando um diagrama temporal de fluxo de dados, troço complicado este, matutando com seus neurônios, subindo desligada e lentamente. Testemunhas não localizadas dizem que o carro buzinou para ela sair da

frente. Não se sabe se o carro ou os guardas avisaram, mas a infeliz ergueu os olhos, teve um sobressalto, deu um grito, jogou o papel pra cima, agarrou a bolsa e se atirou no muro. Como anda maluco o trânsito - pensou num átimo - nem na escada dá pra relaxar. O carro ainda desviou dela, resvalou numa azaléia e mudou de idéia, resolvendo entrar na estrada.

O primeiro guarda gritou: o carro vai entrar na estrada, vou abrir a cancela. O segundo guarda, puxou o colega pelo braço e ordenou: que abrir a cancela que nada, quer provocar uma hecatombe na Mateus Leme? Mas, vai amassar e arrancar a cancela... Enquanto os dois guardas discutiam, numa cena meio pastelão, o carro mudou novamente de idéia, o volúvel: esse negócio de andar na grama estava bem mais divertido do que andar no asfalto. Atravessou a estrada e subiu no jardim do outro lado. Na tranca, o capô abriu, e fechou, e abriu e fechou: parecia que o carro latia, o danado!

Nessa altura do campeonato as janelas já tinham assistentes, alguns passando mal de estupor e riso. O motorista saiu da recepção com um pacotinho pequeno no bolso, assobiando alegre e, cadê o carro?, perguntou em voz alta a um passante. Este respondeu singelo: desceu a escadaria, por ali, apontando a dita cuja.

Como terminou a história? O carro estacionado ao lado da caixa d'água perto da rua. Desceu uns 60 metros, desviou postes, árvores, analistas. Driblou guardas, atravessou a estrada e parou lindamente no fim do passeio. Horas depois, viu-se um motorista avexado e um robusto guincho. Dizem que o motorista, além dos consertos na lata inferior, vai mandar olhar o freio de mão.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro



Capítulo 13

O Suicídio que não deu Certo

Paul Wolfskehl, um industrial alemão, filho de uma família muito rica, viveu na Alemanha no final do século retrasado (o 19). Era uma família esclarecida, amante das artes e das ciências. Quando estudante, Paul estudou matemática graduando-se nesta disciplina. Não foi nenhum grande matemático, nem fez colaborações duradouras, mas a história guarda o seu nome devido a um suicídio mal sucedido.

A história começa quando Paul apaixonou-se por uma misteriosa mulher (que devia ser casada, não se sabe), e deu em cima dela durante um bom tempo. A mulher se fez de rogada, negaceou, até que um dia o Paul deu o ultimatum: como é que é isso, é namoro ou amizade? A mulher, diante da opção, disse-lhe que não queria saber dele, que a esquecesse, ela estava em outra.

Desesperado, Paul resolveu acabar com a própria vida. Mas como industrial e homem cheio de responsabilidades (e como alemão que era), resolveu botar suas coisas em ordem antes de cometer o gesto fatal. Organizado, estimou o tempo que gastaria e marcou: mato-me na sexta-feira à 1/2 noite.

Já atrasado para a carga de serviço que o esperava, arregaçou mangas e começou a trabalhar: despacho de assuntos pendentes, cartas aos amigos e parentes, instruções nas empresas, ufa que cansada! Tanto se agilizou que todas as tarefas estavam concluídas lá pelas 22h de sexta-feira. Sendo metódico, jamais lhe ocorreu adiantar a "tarefa" em duas horas: havia que esperar.

Não tendo nada melhor para fazer, foi para a sua biblioteca e começou a folhear alguns livros: caiu-lhe em mãos um livro de Ernst Kummer, outro alemão que estudara por muito tempo o célebre último teorema de Fermat.¹

Demonstrar este teorema era uma obsessão, e muita gente boa já havia fracassado: Euler, Gauss, Dirichlet, Legendre, Lamé, Germain, Cauchy, e o próprio Kummer. Lendo o livro, Paul Wolfskehl começou a ficar mais e mais envolvido com o tema, até que ele julgou achar um erro no texto de Kummer. Será que ele demonstraria o célebre teorema? Freneticamente Wolfskehl escrevia e pensava e escrevia. Horas mais tarde, um desanimado Paul conclui que Kummer estava certo, aquela abordagem que ele usara era inconclusiva, o teorema seguia sem ser demonstrado.

Mas, tendo ouvido o piar de um passarinho, olhou pela janela e viu o sol nascendo. Passara-se a hora fatídica de meia-noite e ele esquecera o suicídio. Tendo chegado até a manhã seguinte, Paul Wolfskehl concluiu que aquela mulher não era tão boa assim, no fundo era uma boa bisca e não valia a pena se suicidar por ela. Rasgou cartas e instruções e foi tomar um reforçado café da manhã.

Quando muitos anos depois, em 1908, Paul Wolfskehl morreu (de velhice) a família levou um susto: ao abrir o testamento dele, havia instruções expressas de separar 100.000 marcos da fortuna e destinar esse dinheiro como um prêmio a quem conseguisse demonstrar o teorema. Nas palavras do falecido, era o agradecimento ao teorema que lhe salvara a vida.

O prêmio foi entregue no ano retrasado a um inglês, Andrew Willes, que tendo conhecido esta historinha aos 10 anos de idade, obcecou-se pelo assunto e dedicou os 28 anos seguintes a tentar demonstrar o tal teorema. Sua demonstração, já considerada correta, tem cerca de 210 páginas de texto, não sendo portanto nem parecida com aquela que teria sido descoberta por Fermat. Será que foi um blefe? Nunca saberemos.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

¹Fermat, um advogado francês do século XVII, conhecido como "Príncipe dos Matemáticos", pois só se dedicou à matemática de maneira amadora, gostava de resolver enigmas, e era bom nisso. Quando morreu, seu filho, remexendo nas coisas dele, encontrou um exemplar de um livro de Diofante de Alexandria (um matemático grego). O autor grego afirmava desconfiar que dada a expressão $x^n + y^n = z^n$, não haveria números reais x, y e z , para os quais a expressão pudesse ser verdadeira, se n fosse maior do que 2. Quando $n = 2$ é o próprio Teorema de Pitágoras que aí está. Com a letra miudinha de Fermat, escrito no próprio livro ao lado do texto, havia a observação: Diofante está certo. Eu mesmo tenho uma demonstração maravilhosa da veracidade desta afirmação, mas esta margem é muito estreita para contê-la. Quando isto foi divulgado, os matemáticos começaram a procurar a demonstração. Pistas não havia, e Fermat já era morto. Para saber o que aconteceu a seguir, volte ao texto.

Capítulo 14

Saudades da Minha Mãe

Ontem, lidando com o micro, repentinamente me lembrei da minha mãe, que Deus a tenha! Vamos às explicações: eu já havia ouvido falar muito bem do software Via Voice da IBM. Trata-se de um programa que aceita ditados pelo microfone e que vai escrevendo na tela o que é falado. Dizia-se que ele era muito bom e que errava muito pouco.

No mestrado, eu já me aventurara a estudar o problema do reconhecimento automático da fala humana. É um dos problemas mais terrivelmente complexos que pode haver. Lá no mestrado, eu e uns colegas, depois de ver o tamanho do buraco onde nos meteríamos (se nessa direção fôssemos), desistimos instantaneamente. Sabendo que o troço é difícil e tendo ouvido elogios ao Via Voice, chegou a hora de pôr preto no branco: Afinal, essa encrenca funciona ou não funciona?

Só a instalação do produto é um ritual e tanto. Você é obrigado a ler para o computador dois capítulos inteiros de Don Casmurro, o mais puro Machado de Assis. Senti-me meio ridículo contando sobre Bentinho e Capitu para ele. Ainda se fosse para fazer um filho dormir, vá lá, mas se alguém entrasse em casa naquela hora e me visse falando delicadamente ao computador era capaz de me internar. Paciência, volta e meia a gente tem de fazer coisas mais ou menos ridículas, foi só uma a mais, nada demais.

Terminando os capítulos para aquele enlouquecido e mal-humorado computador (de vez em quando ele apitava e dizia: não entendi: repita. Só faltava bater o pezinho, e aí de você se não obedecesse. A máquina avisou: vou demorar 35 minutos processando, relaxe. Dito e feito, fui esquentar um prato de sopa enquanto o winchester quase derretia de tanto girar e ler e gravar e girar.

Finalmente, o computador avisou: Tô pronto! E eu comecei o ditado.

Vários problemas, por exemplo, uma hora tossi e o miserável escreveu um palavrão horrível e ainda buzinou dizendo não ter entendido nada. Precisei desligar a música e como tinha jogo do Palmeiras e o meu vizinho de baixo é fanático, a cada gol que saia o micro desandava a escrever bobagens, que tinham de ser apagadas à mão.

Dito assim, parece que o programa é ruim, mas não se engane: ele é uma maravilha da engenharia de software e reconhece muito bem quase tudo o que você fala. Eu mesmo, via e não acreditava muito. Mas, agora, deixa eu voltar para a lembrança da Dona Teté. Da metade da vida dela para a frente ela começou a ensurdecer e quando eu nasci ela já não ouvia muito bem. Nós não tínhamos recursos e nem havia tecnologia para fazer algo e assim, tivemos de nos comunicar com ela, meu pai, eu e meus sete irmãos, do jeito que dava. Era difícil, mas às vezes ríamos juntos às carreiras. Lembro-me de um dia cruzar com ela com pressa e ela me perguntar: “Onde vai?” e eu “ao aeroporto” e ela “e para que você quer um galo morto?”. O programa Via Voice também andou pisando na bola, como você verá a seguir. Para testá-lo eu ditei trechos de um livro do Cláudio Lacerda sobre a vida do político Carlos Lacerda e eis como ficou:

| | |
|--|--|
| <p>O que eu ditei eu vou analisar se o windows na hora do brasil providência divina e a inflação não acaba a curto prazo local indicado para propô-las to- das em detalhe tem o seu resultado ameaçado</p> <p>avisei de que abordo a política econômica com paixão nunca fiz segredo disto presidente em exercício, depu- tado Edson de usurpador, nenhum apodo me foi poupado enfraquecer essa união quem sabe se no fundo da alma eu a tenho o SNI expôs-lhe lealmente os perigos digo assim o adeus as armas o meu combate desarmado do sistema castelista</p> | <p>O que o Via Voice escreveu ele pampa para a Pillar gol no the Wind os a nora do Brasil provindo de ensino divina e a Platão não acaba a curto prazo local indicado para a população todas em detalhe tem os seus para os soltado ame- açado</p> <p>a ala Harvey a bordo a política econômica compaixão nunca foi segredo diz presidente em exercício lutado Edson de odor nem acordo me foi pou- pado enfraquecer a Sanyo em sabe-se no fundo da alma e EUA têm oeste nem esposo e realmente os perigos a diva sem adeus às amas combate à mesa lado o sistema da estilista</p> |
|--|--|

É isso. Portanto, já sabe: se você precisar gerar textos rápidos a partir de leitura, pode comprar sem medo. Um software sensacional, só que, haja máquina! Para ele se sentir bem são necessários uns 400MHz e uns 100MB de memória, por aí.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 15

Vamos Pescar Dólares?

Uma história verídica que mostra como os distraídos pagam caro pela sua distração. Temos colega que mês sim, mês não, perde a carteira com todos os documentos dentro. A coisa já é tão certa que quando se passam mais de 2 meses sem que haja uma manifestação do fenômeno, as pessoas já começam a ficar preocupadas: aí tem coisa...

Outra característica interessante é que até hoje, as carteiras sempre deram um jeito de voltar comportadamente ao dono e com tudo dentro, nunca faltou nada. Deve ser uma proteção especial do Negrinho do Pastoreio (padroeiro dos objetos perdidos).

Pois no dia do nosso caso, já era quase meio-dia e nosso colega foi buscar o carro na oficina nossa vizinha, aqui na Nilo Peçanha. Já ia esquecendo de falar que nosso colega além de esquecido é apressado um bocado. Bom, era hora de buscar os filhos, já estava atrasado, pagou o carro, deixou a carteira no teto do carro, enquanto se abaixava para olhar o conserto, tirou uma correia usada que o mecânico deixou no banco, entrou no carro, ligou, primeira, acelerou e... lá vamos nós (a carteira ainda no teto do carro).

As provas de fogo da carteira foram as lombadas, a primeira na frente do Colégio Israelita, a segunda na frente do Colégio Adventista. A estas provas ela (a carteira) resistiu bravamente, afinal estava recheada de coisas pesadas. Só que na esquina, a que nosso colega atingiu em alta velocidade pois o sinal ia fechando e os filhos esperavam no colégio, com fome, a carteira entregou os pontos. Foi atirada na curva para a calçada oposta, com força e violência.

Alguns minutos depois, recebe-se uma ligação preocupada e misteriosa aqui na CELEPAR, querendo falar com o nosso colega. A secretária se identificou e perguntou qual era o problema. A pessoa, cheia de cuidados, contou

que achava que o dono da carteira poderia ter sido seqüestrado, pois ela vira alguém do carro atirar a carteira: na certa era um pedido de socorro, havia que chamar a polícia, o carro quase capotara na curva, vá-se saber o que os bandidos estariam fazendo ao nosso pobre colega.

Cheirando um cheiro já conhecido, a nossa secretária entreteve o homem na linha enquanto tentava achar o nosso distraído colega. A coisa demorou, ainda não havia celular, mas cerca de meia hora depois o mistério se desfez. O indigitado ainda disse tranqüilamente: “a carteira? tá no carro...”. Enfim, tudo se aclarou.

Mais calma, depois de resolver a questão, nossa secretária foi para casa e ao passar na esquina fatídica, ela viu o colega arrancando um galho de árvore para recuperar uma boa parte da carteira de dentro do bueiro.

Esse cara tem mais sorte do que juízo. Na época, tínhamos um consórcio que comprava e distribuía 100 dólares por mês. Não precisa dizer que a verdinha estava dentro da carteira e saiu voando bueiro a dentro. Foi duro pescá-la e ela veio meio fedida e manchada, mas foi recuperada, como sempre.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 16

(Mais) Peripécias Aéreas de um Celepariano

Me mandaram: "trate de fazer um site maravilhoso para o CAR (Centro Administrativo Regional) de Cascavel. É o primeiro de uma série e o programa é para racionalizar e modernizar as instalações do Estado no interior. Tem que ficar supimpa"!

Bom, ordens são ordens. Cadê as fotos? Não tem fotos, o prédio acabou de ser alugado. Daí, ficou marcada uma visita "in loco", na primeira oportunidade, para conhecer o lugar e tirar fotografias. Tinha um pessoal que ia para Cascavel no avião do Estado e tinha um lugar sobrando. Lá fui eu de fotógrafo trabalhar no interior. A gente se mete em cada uma!... A viagem foi tranqüila, se bem que o avião era pequenino e fazia um vento de 40 nós em Cascavel. Meia hora antes da chegada, um vôo da Rio Sul tinha desviado para Toledo por causa do vento. Não quis se arriscar. Mas, como dizem os espanhóis, hay que tener cojones, e com vento ou sem vento, lá fomos nós. Aterrissagem perfeita, o piloto era dos bons, ainda bem.

Fomos levados ao CAR, conversa vai, conversa vem, fotos daqui e dali, tudo perfeito. Daí veio a idéia luminosa: vamos tirar umas fotos do CAR do alto? Beleza, é só localizar alguns pontos de referência e pedir pro piloto.

Quem nos recebeu foi o Marcos da Secretaria de Obras e já no fim do papo, ao ver aquela movimentação toda, ele arriscou: Não dá para vocês tirarem umas fotos aéreas do presídio de Cascavel? Ele está quase pronto e não temos nenhuma foto. Bom, vamos pedir pro piloto.

Nessa hora, perto de 13h, o estômago mandava sinais flamantes e urgentes requerendo atenção. Já de caso pensado, fiz cara de bobo e larguei

50CAPÍTULO 16. (MAIS) PERIPÉCIAS AÉREAS DE UM CELEPARIANO

o seguinte papo: Aqui em Cascavel acho que não tem uma churrascaria daquelas de ficarem na lembrança de tão boas, tem? Foi o que bastou para o nosso enfurecido motorista, nascido em Cascavel, pensar com seus botões: bando de almofadinhas da capital, pensam que aqui não se come bem? e, ato contínuo, levou-nos a um lugar fantástico cuja comida era maravilhosa. Minhas papilas gustativas ficaram enlouquecidas: tinha uma picanha soterrada sobre uma montanha de alho frito que ficou inesquecível (já verão porquê).

Volta pro aeroporto e pede pros pilotos: podemos sobrevoar o CAR e a penitenciária? O CAR nós sabíamos onde era, mas a penitenciária, ainda não inaugurada, onde fica? Pergunta daqui, pergunta de lá, alguém soprou: do ladinho do asfalto, não tem como errar. O piloto, confiante, determinou: vam'bora. O vento seguia firme e, já na decolagem, aquela geringonça começou a chacoalhar e a picanha e seus acompanhantes começaram a se fazer lembrar.

Avião no céu, avistamos o CAR: é lá, é lá... O piloto, não se fez de rogado, deu um vôo rasante pela direita, outro pela esquerda, curva para cá, curva para lá, o vento de 40 nós, e a picanha (e os acompanhantes) cada vez mais presentes... Tiramos as fotos e seguimos pro presídio. Pega a estrada e começa a acompanhar o asfalto. Não sei se já procuraram um prédio desconhecido, numa cidade desconhecida do céu: não é fácil. Lá pelas tantas, o piloto decretou: não é este asfalto, saída pela direita... Nunca vi um avião fazer uma curva tão rápido e não me lembro tão vivamente de nenhuma picanha já antes digerida.

Finalmente achamos o presídio, e de novo, vôo pela direita, curva, pela esquerda, curva, por cima, curva, de frente, curva e ... posso parar por aqui a descrição, imaginem o resto.

Finalmente 2 horas depois, depois de vários copos de água vivamente consumidos, estávamos em Curitiba, inteiros e compostos e com as fotografias. Mais uma missão cumprida.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 17

Hiii, deu Bolo!

Era uma vez, numa cidade longínqua, uma prefeitura fictícia, ainda que distante apenas dois quarteirões da CELEPAR. Nesse dia, armaram-se os fatos e os sucessos para mais uma desventura, dessas que acontecem de vez em quando, na aventura maior que é viver.

Pois, ia a tarde pelo seu final, quando duas festas independentes e sem que os participantes de uma soubessem da outra, começaram a ser armadas. No segundo andar, o Prefeito recepcionava uma delegação de possíveis investidores, gente granfa, tanto é que no final do encontro, o cerimonial preparara uma taça de champagne com um pedaço de torta.

No andar de baixo, um pessoal animado, talvez um pouco mais próximo da galhofa, preparava festa de aniversário para a homenageada do dia, pessoa importante e considerada. Tanto é que três colegas resolveram cada uma comprar um bolo diferente para a festa. Havia um de morangos com chantilly, um de favos de abelha e uma torta folheada de creme, comidas abundantes, brilhantes e maravilhosas, uma festança de truz.

Vamos nos concentrar na festa de baixo, mais animada e solta. Como foram 3 compradoras distintas, houve três fornecedores diferentes que chegaram separados e, assim, tivemos a entrada triunfal de cada uma das tortas, devidamente aplaudidas e acompanhadas de olhares, rumores e olfatos, enquanto eram levadas para o local da festa. Quando chegou a terceira, já perto das 17h00, a turma não se conteve, e pronto: guaraná e refrigerantes espoucando e as tortas implorando para serem devoradas, e sendo imediatamente atendidas, quando... toc-toc-toc. Batem à porta. Esta é aberta... e quem está lá?

Outro entregador com uma torta mais abundante, mais brilhante e mais maravilhosa. Quadrada, alta, verde – bela cor – e com uma representação

em suspiro do Jardim Botânico. (a cidade fictícia também tinha um Jardim Botânico). Ohs, Ahs de exclamação e esta nova torta foi atacada com tudo que havia direito: garfos e facas cortantes, avançar!

Não sei se já pararam para pensar, mas sempre lá pelas 5 da tarde, bate um certo vazio no estômago, acho que foi por isso que os ingleses inventaram o tal de chá das 5, uma fome malandra, nenhuma sangria desatada, mas, mesmo assim, pontual e exigente como ela só. Pois a turma estava dando vazão a este poderoso sentimento. Já se estava na hora das piadas e das brincadeiras. A torta de morangos já era, a folheada e a dos favos iam pela metade, mas a do Jardim Botânico era só um pequeno pedaço, fora a preferida.

Nisso, um novo toc-toc-toc... Outra torta? Quem será?... Aberta a porta, entra uma assustada chefe do cerimonial do Prefeito e pergunta:

Por um acaso foi aqui que entregaram a torta que o Prefeito encomendou? Era uma verde, com o Jardim Botânico?

Bom, assim acaba a história. Não há muito mais a contar, exceto que a turma granfa, a do segundo andar, teve que se contentar com um pequeno pedaço do Capanema, foi o que se pôde salvar, nada mais.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 18

Pulhas na Internet

Pulha, segundo mestre Aurélio é um substantivo feminino, cujos significados são: Gracejo escarminho;

Peta, mentira;

Dito pouco decoroso; e

Ação de pulha vergonha, ignomínia, pulhice.

Na Internet uma pulha é uma história que é apresentada como se verdadeira fosse, com argumentação aparentemente coerente, contando uma história com começo, meio e fim, que embora meio esquisita pode até fazer algum sentido, mas que é completamente inventada.

A finalidade de uma pulha é a mesma de inventar um boato: soltar o bicho e vê-lo crescer, espalhar-se, ser levado a sério aqui e acolá, e lá no fundo, divertir-se com a credulidade da sociedade humana.

Carl Sagan, um dos maiores divulgadores da ciência do século XX, conta em um dos seus livros a história de um vidente australiano que foi "fabricado" por um jornalista. Primeiro foi apresentado como coisa séria, teve descritos os seus acertos passados (todos inventados), foram mostrados os dias e locais onde ele se apresentara com sucesso (todos falsos), os doentes que curara (nenhum verdadeiro). Toda a imprensa séria, que supostamente verifica as coisas antes de publicar, engoliu a história. Se apenas um dos inúmeros detalhes apresentados fosse checado, qualquer um veria estar diante de uma farsa. Ninguém o fez. Quando o jornalista apresentou a história toda, quase teve de se mudar de país, tamanha ira atraiu. O fato é que as pessoas querem acreditar, adoram uma história de capa e espada, qualquer coisa que sirva para fugir de uma existência cinzenta e morna, que é o que todos temos.

É nesse caldo de cultura que surgem as pulhas. Todas contam uma história de David contra Golias, alguém tentando desmascarar uma grande empresa ou governo. Todas citam uma autoridade inventada, eventualmente dando alguns nomes ou referências, mas nada que possa ser verificado. Chama-se a isto de "argumento da autoridade", e cá pra nós, não é novo, já era usado na idade média quando alguém ousava discordar de um grego famoso e antigo.

Elas fazem alguma referência aos bons sentimentos do leitor, pedindo ou até implorando que ele passe adiante a história. Afinal, todos precisam saber aquilo. De fato, uma pulha só é bem sucedida se for passada adiante rapidamente. Como a Internet está cheia de novatos - é fácil ver pelo ritmo de crescimento da rede - eles sempre fazem a massa de manobra. Me lembrei dos pobres estagiários, é mais ou menos a mesma coisa.

Ninguém está livre das pulhas, que são mostradas e divulgadas com a maior das boas vontades. O sujeito incha o peito achando que presta um grande serviço divulgando aquilo e mal sabe que está fazendo o papel de bobo. Na universidade onde dou aula, volta e meia alguém surge com a última e na UFSC onde estudei e onde ainda tenho um e-mail, todo mês aparece um cristão-novo que logo é recriminado pela administração de rede de lá. Portanto, como disse acima, ninguém está livre. Enquanto houver novatos e enquanto o ser humano for curioso, teremos pulhas. Em outras palavras, provavelmente até o fim dos tempos...

Quando a pulha faz referência a empresas sérias, basta consultar o site das mesmas. Geralmente, tem um baita aviso na primeira página. Acabei de confirmar isso em uma grande empresa mundial de telefonia celular. Uma boa política para se certificar da veracidade de uma suposta pulha é usar a própria Internet para verificar a falsidade ou veracidade da alegação.

Eis uma lista (incompleta, é claro) das principais pulhas que andaram por aqui:

1. Urina de rato em latas de refrigerante teriam matado a filha de uma amiga do remetente. Ou seria uma amiga da filha?
2. Um fabricante de celular estaria dando um aparelho de brinde para quem repassasse um certo número de vezes aquela mensagem. Aqui só uma pergunta: como alguém iria contar isso?
3. Uma corrente contra a exibição de um filme que mostraria Jesus e seus apóstolos como gays. Nunca se ouviu falar desse filme.
4. Supostas experiências com raio laser da terra fariam aparecer logotipos de marcas terrestres na lua, certamente em dia de lua nova. Não temos nem idéia da tecnologia que seria necessária para isso.

5. A história de que a amazônia estaria sendo apresentada como “área internacional” em livros de geografia nos EUA. Esta história eu lí – supostamente a sério – no jornal Estado de São Paulo. Pura pulha, de primeira qualidade. Estes livros não existem.

6. Água que explode ao ser aquecida em forno de microondas. Esta mensagem está cheia de letras maiúsculas, como se o remetente estivesse gritando. Aliás este é um bom sintoma de pulha.

7. Grandes cadeias de lanchonetes estariam criando coisas (meio bicho meio vegetal) para produzir seus sanduíches. Qualquer aluno de 1º ano colegial de biologia pode atestar ser impossível, mas a pulha busca ser convincente. Não caia nessa.

8. Um dos componentes usados nos desodorantes estaria causando câncer de mama. Conversa fiada.

9. Jovens à beira da morte, no seu último leito, fazem apelos dos mais diversos. Esta é uma história recorrente na Internet. Volta e meia aparece. Parece pulha, tem cheiro de pulha, bem como o aspecto e a consistência.

Poderia citar muitos mais. Para resumir, valem as seguintes dicas de “cheiro de pulha”.

a) Um pedido desesperado de que a coisa seja mandada adiante.

b) Nomes de pessoas ou de instituições, aparentemente sérios, mas que não podem ser verificados, principalmente através da Internet.

c) Nomes complicados (muitas vezes inventados) que parecem dar credibilidade científica àquela bobajada.

d) Um certo ar de conspiração, de tentativa de abafar que precisa ser rompida pelo heróico remetente.

Quando estiver diante de uma história dessas, antes de passá-la adiante, convém investigar, perguntar, consultar a própria Internet. Com 99% de chances, a história será falsa, em outras palavras, um baita pulhão.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 19

Um Causo na Fundepar

Aqui estou para contar o primeiro “flagrantes” baseado nos contos da “CELEPAR”. Neste caso, por se tratar da FUNDEPAR, poderia dizer que é um Flagrante Fundepariano.

Aconteceu esses dias, quando um de nossos colegas de trabalho estava tentando vender uma rifa para arrecadar fundos para a formatura da turma de uma faculdade. Até aí, nada demais. O que realmente chamou a atenção foi o prêmio que, acreditem se quiserem, era um vale “motel”. Um pouco peculiar para uma rifa, ainda mais por se tentar vendê-la num ambiente de trabalho. Isso gerou algumas reações estranhas e divertidas.

Uma delas aconteceu com uma colega de trabalho que, na hora que viu a rifa, se animou toda e logo falou para o “vendedor”:

- Nossa!!!! Esse número da rifa é meu!!! É da sorte... esse número nunca me falhou... nunca deixei de comprá-lo! (diga-se de passagem que me parecia o número 69).

Outra colega também teve uma reação inesperada, perguntando:

- Para esse prêmio tem que levar o par oficial ou pode levar o substituto (suspiros)??

O vendedor meio que sem graça respondeu:

- Bom, nesse caso não há nada no regulamento. Pelo que eu saiba, pode sim.

A funcionária delirou realizada...

Mas o que se notava bastante nas pessoas que eram consultadas, é que na mesma hora elas formulavam idéias (aparentemente diabólicas).

Um de nossos colegas quando soube dessa rifa ficou injuriado e reclamou:

- Como!!!! Como que ninguém me avisou!? Eu estou muito necessitado por um prêmio desse!

A última notícia que eu tive foi de uma colega que, louca com a notícia, perguntou para o vendedor:

- Nesse motel tem hidromassagem, cama giratória e...? (eram alguns apetrechos que eu não consegui descobrir porque foram sussurrados no ouvido de nosso vendedor). Alguns dizem que se tratavam de coisas como: chicotes, fitas crepes, máscaras, bolinhas de gude...

Enfim, foi um sucesso e muita gente comprou. Venderam-se quase 8 blocos.

Logo veio o dia do sorteio pela Loteria Federal e, conhecido o número, o vendedor foi cercado porque todos queriam saber quem fora o feliz ganhador. O quase formando ficou sem jeito e disse que não podia revelar a identidade. Ele fizera o vendedor jurar segredo em troca da compra de 7 blocos completos da rifa. Por razões óbvias, ele aceitou sem piar. Até a próxima.

Autor: Felipe Pereira Kantek Garcia Navarro

Capítulo 20

Do Outro Lado do Mundo

Há um mês uma colega nossa foi a trabalho para o Japão. Representava um dos grupos brasileiros, no âmbito da ISO, que trata sobre Normas Internacionais de Software. Diga-se que é bem importante a participação do Brasil nesse fórum de normalização internacional.

A primeira parte do caso é sobre as 27 horas passadas dentro de um avião repleto, com mais de 400 pessoas. Nossa colega teve o azar de sentar na última fila, logo ao lado dos (inúmeros) banheiros do avião. Fica para você leitor, imaginar o que foram as últimas horas do voo. Um autêntico suplício. Parecia que aquele lugar não chegaria nunca. O mundo pode ter encolhido pela globalização e pela Internet, mas quando você tem de ir fisicamente lá, ele continua grande e os lugares continuam longe, longe e longe.

Chegando em Tokio e estando com o fuso horário completamente virado do avesso, nossa personagem trancou-se no hotel onde transcorreu o seminário. A primeira decepção foi a de que sem falar 1/2 palavra em japonês, embarcou-se ela confiando no seu até razoável inglês. Chegando, ela continuava falando o inglês, mas a turma de lá é que não falava patavina do idioma Shakesperiano. Conclusão: tudo na mímica. Imagine você tendo de se comunicar com um grupo de pessoas, sorridentes e inclinando-se o tempo todo a título de saudação, sem poder usar uma única palavra.

No último dia foi o dia dos passeios, das compras, do relaxamento. Tanto relaxamento houve que, no meio da tarde, surgiu uma necessidade... podemos chamá-la de fisiológica, porque aqui ou no Japão nosso organismo continua funcionando. Sabendo que a sociedade lá é muito diferente de cá, ela procurou um hotel 5 estrelas, perfeitamente ocidentalizado, onde alguns falavam inglês, tudo para minimizar um possível mico, porque com essas coisas não se brinca.

Entrou no hotel, depois no banheiro e AHHH, que susto. Todos os vasos não eram vasos e sim latrinas de quartel (um buraco com duas pequenas plataformas para o cliente encaixar os pés). Nada mais. O negócio é ficar de cócoras e mirar. Imediatamente pensou: entrei no banheiro do sexo errado. Saiu correndo e olhou na porta: uma figura claramente feminina (e cor-de-rosa) a tranqüilizou. Banheiro certo mas, cá pra nós, que coisa mais esquisita. Pensando calmamente os prós e contras de se usar dessa "tecnologia", veio uma luz salvadora. Havia um banheiro com vaso, reservado para pessoas deficientes. Bom, nossa colega não é deficiente mas não tinha nenhuma vontade de se acocorar.

Olha pros lados, ninguém presta atenção, escafede-se para o dito banheiro, tranca a porta e UFA... que alívio. Que valor tem um singelo vaso sanitário nessas horas de aperto, não é?

Passaram-se alguns instantes e num ato contínuo ela foi pressionar a descarga. Uma força quase sobrenatural segurou-lhe a mão. Olhou o botão com cuidado. Embaixo dele havia um cartaz cheio de dizeres... em japonês. Que estranho... ter tantas instruções assim para apertar a descarga, mas enfim... pensou, e de modo quase automático mandou ver, pressionando o botão.

Meu Deus, quase desabou o mundo. Não era descarga e sim um fortíssimo alarme a ser chamado quando o deficiente, por algum motivo, precisasse. Que baita azar: ela querendo se enconder, passar despercebida e um imenso UOIIIN, UOIIIN ressoando por todo o prédio. Ela apertava e reapertava o maldito botão querendo desligar aquela coisa e tudo o que ela conseguia era mais UOIIIN, UOIIIN.

Um batalhão de japoneses, todos sorridentes e sem falar inglês, foi acudir. O pior foi ter que se explicar, tintim por tintim, usando mímica, muita mímica.

Moral da história: quanto mais a gente foge de um mico, mais o bicho implacável nos persegue, não é mesmo?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 21

Quem Quer Ganhar este Prêmio?

Existe um site na Internet (www.darwinawards.com) que é um barato. Ele reúne histórias e candidatos ao Prêmio Darwin. Nas suas palavras, ele "celebra os indivíduos que asseguraram a sobrevivência a longo prazo da nossa espécie, ao removerem seus gens da herança da humanidade de maneira sublimemente idiota". O site é de gozação, claro. O que ele premia são os indivíduos suficientemente imbecís para se matarem ao fazer algo estúpido. O site alega que ao se matarem, estes indivíduos estão melhorando a herança genética da humanidade e, portanto, merecem ser premiados.

Algumas histórias tiradas do site:

1. O terrorista que mandou uma carta bomba. Por ser novo no país se atrapalhou e colocou menos selos do que o necessário. O correio, alegando insuficiência de selos, devolveu a carta ao remetente. O terrorista abriu a carta e...PUM. Morreu.
2. Um advogado foi mostrar aos novos estagiários do escritório a resistência das janelas. Arremessou-se de ombro contra uma janela, que não resistiu e se espatifou. O advogado saiu voando do 24º andar.
3. O prêmio de 97 é bem interessante. Um rapaz de 22 anos foi encontrado morto ao lado de um viaduto, com um elástico de bungee jump amarrado ao pé. Segundo se apurou, ele medira a distância e se certificara que a corda elástica era 20 metros mais curta que a altura do viaduto. A polícia informou que o comprimento da corda elástica esticada era maior do que a distância entre a ponte e o solo.

4. Um ladrão foi baleado e morto em Renton, Washington, ao tentar assaltar uma loja. Foi sua primeira e última tentativa, ele não tinha antecedentes criminais. Eis os detalhes:

- a) O alvo foi a loja H & J Firearms, que vende armas.
- b) A loja estava cheia de clientes armados, gente com porte de arma, que estava comprando revólveres e rifles.
- c) Havia um carro da polícia estacionado na porta. O ladrão teve de desviá-lo para entrar.
- d) Um policial de uniforme estava de pé junto ao balcão, tomando cafezinho.

O ladrão entrou, deu uns tiros e declarou voz de assalto. O policial, o atendente e vários clientes responderam ao fogo. O ladrão morreu. Ninguém mais se feriu.

5. No Grand Canion existem diversos mirantes protegidos por cercas. As pessoas costumam jogar moedas, como se fosse a fonte dos desejos. Um homem percebeu existir uma pequena plataforma cheia de moedas e resolveu pular o muro levando um saco (vazio) para recolher as moedas. Ele conseguiu e na volta não se apercebeu que o saco estava cheio (e pesado). Tropeçou e foi ver o Canion bem de perto.

6. Seis pessoas morreram afogadas tentando salvar uma galinha que caíra num poço, no sul do Egito. O primeiro foi um fazendeiro de 18 anos. Sua irmã e seus dois irmãos desceram os 20 metros do poço sucessivamente para salvar o anterior. Finalmente dois fazendeiros mais velhos também desceram. Todos morreram afogados e tiveram seus corpos resgatados rio abaixo. A galinha que por ser melhor nadadora, sobreviveu.

7. O prêmio de 94 foi para um sujeito que morreu quando uma máquina de refrigerante automático caiu em cima dele enquanto ele tentava arrancar uma lata sem pagar.

Tem até uma história de que me lembro, li-a no jornal na época. Ela aparece no site apenas como menção honrosa, pois o candidato ao prêmio Darwin não se matou, apenas ficou uns tempos na prisão. Foi um punquista que resolveu bater a carteira de um turista no aeroporto de Barcelona em 1992. O alvo escolhido foi Larry Wade o campeão olímpico dos 110 m com barreiras. Estava junto e também saiu em perseguição ao ladrão, Maurice Green, recordista dos 100m rasos que ele fazia em 9,75 segundos. Como disse um oficial da polícia espanhola, o ladrão escolheu o homem errado.

Para encerrar, vale lembrar Einstein, que a propósito das guerras promovidas pelo homem ao longo do século XX, uma vez declarou: Somente duas coisas são infinitas – o universo e a estupidez humana, e não estou muito certo quanto ao universo.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Postscriptum: Agora em 2008, um dos indicados ao prêmio deste ano é o protagonista de aventura aérea iniciada no litoral do Paraná.

Capítulo 22

Acredite Se Quiser

Eu sei que é uma história dura de engolir, mas afinal chegou a hora de contar o que sucedeu naquele longínquo ano de 1978. Era uma época braba, as noites eram mais escuras e os dias mais nublados do que são hoje. Sempre houve os incrédulos que – mesmo na época – diziam ter sido tudo apenas coincidência. Por outro lado, havia os apavorados, crentes, que à simples menção do fato, correndo se persignavam e esbranqueciam, vade retro. Eu, junto à maioria, ficava no muro. Nem sim nem não, quem sabe?

Vamos ao ambiente: Fazia muito frio na época, e recém chegara um moderno computador com 256Kb de memória, 4 discos de 100 MB cada um, 8 fitas e 2 impressoras: o maior e melhor computador do Estado do Paraná, recém-instalado.

Um operador, esqueço-lhe o nome, sujeito meio mal encarado, mas boa praça, estava de férias quando a máquina chegou. A coisa foi rápida, estávamos com um monte de serviço atrasado e o computador novo era esperado para dar conta daquilo. Milagrosamente chegou, foi tirado das caixas, aparafusado no chão, ligado, e ... isto é incrível... começou a funcionar lindamente.

Quando o operador em questão chegou para trabalhar, no turno da madrugada, de volta das férias, entrou na sala, deu um olhar abrangente e saiu-se um fia d'uma cadela, que máquina feia... O palavrão não foi bem esse, foi muito pior, mas a pudicícia impede uma transcrição literal.

O azar dele foi que o computador ouviu. Aqui começam as controvérsias. Há quem diga que é tudo besteira, mas há (e os há muitos) aqueles para os quais o computador ouve sim, como não. O sujeito era até então um excelente operador, nunca dera origem a queixa ou problema, mas a partir

desse instante o panorama começou a mudar. Primeiro lentamente e depois mais rápido, num ritmo crescente, as coisas começaram a dar errado para ele dentro do aquário.

Uma fita colocada errada que se desenrolava inteira, um erro de leitura no disco, meia dúzia de caixas de formulário que desabava, uma pilha de cartões que o vento (que vento? Lá não há janelas nem ventiladores) derubava. Tais coisas, antes improváveis e quase impossíveis, começaram a ocorrer quando o dito operador estava por perto. Talvez ninguém tenha feito a correlação entre causa e efeito até o dia em que, estando o processamento pela sexta ou sétima hora de cálculo dos contracheques (demorava mais de 10 horas), o fulano sentou na frente da máquina para ler as mensagens. Quando encostou o dedo no teclado,... a infame emitiu uns bips esquisitos e imediatamente entrou em processo de boot. Para os micreiros de hoje, foi como se alguém tivesse apertado CTRL-ALT-DEL. Com o detalhe que antes a máquina era ligada 2 ou 3 vezes por semana, não era como hoje, que a gente tem de dar 10 ou 12 CTRL-ALT-DEL por dia.

A partir desse dia e desse incidente, a história começou a se espalhar. A máquina estava de marcação com o sujeito, a malvada. Não adiantava mais ele oferecer palavras carinhosas, afeto na pressão dos botões, um que outro chamego. Nada derretia aquele monte de parafusos.

Assim foi a história aos trancos e barrancos, cada vez pior até o dia em que ele foi trocar uma fita. A unidade fechava o compartimento da fita eletronicamente e havia um sensor que revertia o movimento caso algo travasse o movimento da janela, como por exemplo uma mão lá dentro. Os operadores que trocavam as fitas não tinham medo de ver a janela se fechando pois sabiam que ao encostar na mão a janela imediatamente reabria.

Pois o nosso personagem pensava assim, quando uma janela dessas começou a se fechar e mesmo encontrando a mão dele, prosseguiu até o fim. A mão ficou presa. Não é que o sensor falhara bem naquela unidade e com aquele operador? Que azar, não?

Pelo sim ou pelo não, o sujeito não ficou por aqui para ver o resultado. Pediu as contas. Naquela mesma madrugada, que bobo não era. A última vez que dele soubemos era hippie em Guaratuba vendendo brincos e miçangas.

Ficou a lição: fale baixo perto dos computadores, principalmente quando faz frio.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 23

Uma Fábula Animal

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Na semana de atentados, torres desabando e guerra sendo preparada não tem episódios amenos. Saio pela tangente, conto a história de dois animai-zinhos de estimação bem conhecidos, o Hardware e o Software, ei-los:

Este é o Hardware, também conhecido como Ha-ha. Tem um aspecto meio cansado, mas não se iludam: ele carrega pianos. Trabalha quase 24 horas por dia. Corre para cima e para baixo, é discreto e se alimenta de muito pouco. Já o seu parceiro inseparável é o Software, cuja alcunha é o Só-só.



Ele é um gato exuberante, cheio de egocentrismos, manias e idiosincrasias. Só faz o que tem vontade, se mete em muita confusão mas em geral faz tudo certo, rápido e sem reclamar. Quando lhe dá na telha ser rabugento, não há o que se possa fazer a não ser esperar que ele resolva voltar a funcionar. É cheio de intenções dissimuladas, quando menos se espera que ele faça algo, é bem o "algo" que se espera o que ele faz: um portento!



Em geral Ha-ha e Só-só gostam de brincar juntos. A paz e a harmonia na casa depende deles estarem de bom humor um com o outro, o que é difícil pois eles convivem numa caixinha bem pequena. Outro dia, no meio de um processam... digo, de uma brincadeira, o Só-só não gostou de um sinal que o Ha-ha fez para ele: pronto, armou-se a confusão. No outro dia, o Só-só cismou de pegar alguma coisa que pousara na ponta do seu rabo. Começou a girar e girar e o Hardware em vez de interferir, ficou rindo na ponta dos dedos, vendo o gato entrar em loop.

Os donos de Ha-ha e Só-só gostam muito de interagir com eles. Parece que eles vieram ao mundo apenas para satisfazer aos humanos. Mas, os usuários às vezes são meio impacientes. Quando dá um arranca rabo, os humanos ameaçam agredir o Ha-ha. Que por ser paciente e algo lerdo, aguenta e escuta tudo com passiva aceitação. Quando o resultado sobra para o Só-só, não há quem o consiga pegar. O bicho se escafedo e o máximo que nós, seus parceiros, podemos fazer é xingá-los em alto e bom tom. Ao que eu saiba, nunca Só-só se incomodou de ser xingado. Faz ouvidos moucos e pronto.

É muito difícil fotografá-los, ainda mais quando não estão fazendo pose como aí em cima. Mas, temos aqui uma foto tirada de Só-só quando ele estava distraído. O seu usuário, nessa hora, buscava como um maluco um erro de programação que teria sido cometido. Só-só estava meio entediado, o coitado.

Por falar em fotos, tem aqui um instantâneo de um primo de Ha-ha, seu nome é Notebook e ele gosta muito de viajar pra cá e pra lá.

Capítulo 24

Vamos Truelar?

Este espaço é para lembrar pessoas e causos. Usemo-lo então. Na semana passada, morreu um dos pioneiros da informática. Lembro-me que ao tomar conhecimento do fato (através de um e-mail de um colega da Universidade de Santa Catarina) imediatamente pensei em escrever uma nota para o Bate Byte, lembrando o trabalho do sujeito.

Quando sentei para escrever o texto, dei-me conta que tinha esquecido o nome do fulano. Fui procurar o e-mail e tinha-o jogado fora. Que vexame. Fiz uma consulta na Internet e achei a história de Von Neumann. Não é o que eu procurava, mas não faz mal: ele também merece ser lembrado.

Janos Neumann nasceu na Hungria no início do século passado. Formou-se em química e obteve seu PhD em matemática. Trabalhou na Alemanha até 1930 quando se mudou para os Estados Unidos. Daí até a sua morte em 1957 (e não na semana passada), foi o Doutor John Von Neumann, conhecido por alunos, colegas e até pelos diversos presidentes americanos de quem foi conselheiro, como Johnny.

Suas áreas de interesse e de produção científica são amplas. Escreveu cerca de 150 trabalhos científicos sobre física, matemática pura, teoria dos grupos, lógica, topologia, teoria de medidas, teoria ergódica, geometria contínua, estatística, análise numérica, estudo das ondas de choque, problemas de fluxo, hidrodinâmica, aerodinâmica, balística, meteorologia, estudo de detonações, teoria dos jogos e... ufa, computadores.

Ele descreveu a arquitetura de qualquer computador, desses que você tem perto de você, incluindo-se PCs, mainframes, video-games, fornos de microondas, carburadores de carro, receptores de TV, controles remotos etc., etc. É dele a idéia de uma unidade de controle, memória, unidade aritmético-

lógica e dispositivos de entrada e saída. Em sua homenagem, esta arquitetura é conhecida como arquitetura de Von Neumann.

Embora seja esta a nossa praia, vou tomar um atalho e falar da teoria dos jogos: prova de que uma mente privilegiada pode achar coisas para estudar e descobrir onde nós, meros mortais, achamos que nada há. Eis um exemplo do tipo de problema estudado por ele:

Seja um truelo: trata-se de um desafio como se fosse um duelo, mas que envolve 3 pessoas. Digamos que Aldo, Benedito e Carlos decidem resolver suas diferenças num truelo, atirando até que apenas um sobreviva. A regra é fácil: cada pessoa dá um tiro, até que só sobre um. Aldo é o pior atirador, acertando em média 1 tiro a cada 3. Bento é melhor e acerta 2 tiros a cada 3. Carlos é o bamba, não erra tiro. Para deixar o truelo mais justo, Aldo pode atirar primeiro. Depois, Bento (se ainda vivo) pode atirar e a seguir o Carlos se ainda viver. O processo se repete até que o truelo acabe. A pergunta é: contra quem deve o Aldo atirar para ter mais chance de sobreviver? Pense e ache uma resposta. Pode comparar com a dada pela Teoria dos Jogos de Von Neumann:

Se o Aldo atira no Bento e acerta, o próximo tiro é do Carlos que mata Aldo. péssimo negócio. É melhor atirar no Carlos. Se acertar, o próximo tiro é dado pelo Bento que erra 1 a cada 3, e assim Aldo tem chance para atirar em Carlos e acertando, sobreviver. Parece que esta segunda saída é melhor, mas espere, há uma terceira. O Aldo deve atirar para cima. depois o Bento atira em Carlos (o mais perigoso). Se acertar o Aldo atira contra o Bento. Se errar Carlos atira (e mata) Bento. Ou seja, atirando para cima, Aldo manipulou de tal maneira a ser o primeiro em um duelo e não mais em um truelo. Esta é uma aplicação prática da Teoria dos Jogos.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 25

O Grego Diofante

ou os fundamentalistas de todos os credos e as autoridades certificadoras digitais

Diofante, um matemático grego bacana que viveu há uns 1800 anos, não se sabe direito, deixou um dos grandes legados na história do homem: a obra denominada Aritmética, composta de 13 volumes. Ele tratou dos números e dos problemas envolvendo números. (Hoje tais problemas, com números inteiros, são chamados, em sua homenagem, problemas Diofantinos). Da série de 13 livros, apenas 6 sobreviveram à Idade das Trevas e só servem para dar um gostinho irresistível na boca, quando se imagina o que se perdeu nos outros 7. Um desses livros deu origem ao “último Teorema de Fermat” que acaba de ser provado pelo inglês Andrew Willes, e essa é outra história. Maravilhosa também, mas é outra história. Veja-se que naqueles tempos não era moleza escrever livros. A tarefa era manual e cansativa, não se podia errar, e ao final de anos de trabalho tinha-se um único exemplar. Os mais previdentes, sabedores da raridade do objeto, corriam a guardá-lo em uma biblioteca. Os demais, pareciam não se importar muito. Mais de 99% das pessoas era analfabeta, e a maioria dos sujeitos que viveram grande parte desse interregno de 2 milênios nasceram e morreram sem ter visto um livro.

Mas, menos mal, já havia bibliotecários e bibliófilos. Na cidade de Alexandria, no Egito, esses amantes dos livros construíram, organizaram, alimentaram e mantiveram a Grande Biblioteca de Alexandria. Conta-se que por mais de 8 séculos, a biblioteca brilhou tal como o farol da cidade. Seu primeiro golpe foi um ataque de Júlio César contra Cleópatra em 47 (aC). No arranca-rabo, o porto foi incendiado e a biblioteca acabou pegando fogo. Cleópatra deve ter feito beicinho, tanto que Marco Antônio, outro romano, acabou atacando a cidade de Pérgamo (de pergaminho), saqueou

a biblioteca de lá e levou tudo para a reconstruída Alexandria. Conta-se que cada viajante que entrava na cidade era minuciosamente revistado e se tivesse um livro com ele, imediatamente era “convidado” a emprestar o livro aos copistas da biblioteca que só o devolviam depois que um segundo exemplar era zelosamente guardado.

Tudo teria corrido mais ou menos bem, se o bicho homem não tivesse se envolvido em mil e uma guerras e estrepolias. A primeira é devida ao bispo cristão Teófilo. Em 389 (dC), tendo recebido a ordem de destruir todos os monumentos pagãos, pôs mãos à obra. Por azar, Cleópatra montara a biblioteca em um templo dedicado ao deus Serápis: lá se foram os livros para a fogueira, de novo. Dois séculos depois, em 642, logo após a disseminação da religião de Maomé na região e considerando a decadência de Alexandria, esta foi cercada, invadida e saqueada. Dizem que após entrar na cidade, os soldados vieram perguntar ao califa Osmar, chefe da invasão, a respeito do que fazer com os livros. A resposta dele é de lascar, para não usar verbo mais forte. Teria dito: se os livros dizem o mesmo que o Alcorão, são supérfluos e podem ser destruídos. E, se ao contrário, contradizem o Alcorão, aí é que devem ser eliminados da face da terra sem deixar rastro. As termas de Alexandria foram aquecidas por muitos anos com os livros que foram sendo queimados, até não restar nenhum. De novo.

Ignora-se se e quais livros foram salvos. Até hoje se tem esperança que um certo dia, alguém mexendo no baú das velharias da família surja com alguma cópia de algum dos livros perdidos de Diofante. Seria um prêmio, provavelmente imerecido, à raça humana.

E, aqui chegamos ao ponto focal deste texto. Supondo que surgisse tal objeto, e se levantasse a inevitável controvérsia, a pergunta que fica é: como alguém atestaria de que se trata do livro mesmo e não de um grosso embuste? Não sou arqueólogo, mas tenho certeza de que técnicas há. Talvez a idade do papel, medida pelo Carbono 14, ou o alfabeto usado, ou o linguajar, ou a tinta, ou as referências do livro, ou tudo isso junto, certamente habilitará um bam-bam-bam do assunto a decretar: é o livro perdido que retorna ou, ao contrário, é um embuste, chamem a polícia.

Agora, um corte na história e avancemos dois ou três mil anos em direção ao futuro. Supondo que ainda haja habitantes na face da terra, o que não dá para garantir com muita ênfase, vá lá que se encontre um livro perdido há 5 séculos. Como descobrir se o livro é original ou é uma tapeação? A novidade agora é que o que vai se descobrir é apenas um arquivo magnético. Aqui não há papel, não há alfabeto, não há Carbono 14, não há quase nada, exceto um arquivo digital.

Surge então uma autoridade certificadora gerando o que tem sido chamado de “selo cronológico digital”. Trata-se de uma certificação de que certo

arquivo já existia em uma determinada forma e com conteúdo certo, em um instante claramente estabelecido no passado.

Dando um exemplo: suponha que eu seja um vidente e deseje fazer uma previsão de algo que eu asseguro que vai se realizar. Uma hipótese, esta a mais comum, é deixar (qualquer coisa) acontecer e depois ir aos jornais e TVs afirmando que 2 dias antes do acontecido acontecer, eu já tinha previsto tudinho, tintin por tintin. Ainda recentemente, no episódio do ataque terrorista a Nova Iorque, vimos de novo o mesmo filme. Nada de novo sob o sol, Carl Sagan no livro *Bilhões e Bilhões*, fala deliciosamente sobre este assunto.

Mas, imaginemos a hipótese improvável de eu ser um vidente não pilantra e não embusteiro, isto é, honesto. Então:

Devo criar um arquivo digital (pode ser sob Word) descrevendo tudo o que desejo.

Aplico ao arquivo um gerador de hash. Trata-se de um utilitário que lê o arquivo original e gera um número binário (tipicamente 200, 300 ou até 500 bits) que é a sua autenticação. Se eu mudar um único caractere no arquivo original e submetê-lo ao mesmo processo, o número gerado será outro completamente diferente. É, por assim dizer, uma assinatura do arquivo.

Envio o número hash gerado a uma autoridade certificadora, que data a assinatura, criptografa o pacote usando a sua chave pública e me envia de volta um selo temporal. Note que o arquivo original não vai para a autoridade, pelo que pode permanecer secreto.

A qualquer momento, de posse do arquivo, do selo temporal e da confiança da sociedade na autoridade certificadora, posso provar ter escrito o arquivo antes da data confirmada pelo selo.

Note que a partir do número hash é impossível gerar o arquivo, apenas o outro sentido (do arquivo para a assinatura) é que é possível.

O selo temporal terá de ser não falsificável, e a hora usada terá de ser acima de qualquer suspeita, provavelmente um relógio atômico preciso, vinculado a uma autoridade metrológica mundial, por exemplo o NIST americano (National Institute of Standards and Technology) ou o Observatório Nacional, brasileiro.

Ainda não temos este produto sendo usado em larga escala, mas enquanto aguardamos o Diofante, podem ir se acostumando com mais essa novidade do mundo digital em que vivemos. Que mundo!

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 26

Haja Pressão

Mais uma história verídica para a coleção. É uma meio escatológica, assim, olhos e ouvidos (e olfatos) mais sensíveis devem parar a leitura por aqui. Aos corajosos, vamos aos fatos.

Meses atrás, tivemos um problema hidráulico num dos banheiros da sede. O banheiro, que era muito usado, sem mais nem menos entupiu-se. Não sei se o prezado leitor concorda, mas qualquer coisa entupida já é um abacaxi. Sendo um banheiro então, tem-se quase uma tragédia. Se uma casa fosse viva e os canos fossem suas artérias, estaríamos diante de um autêntico enfarte do miocárdio.

Pois foi bem isso que aqui aconteceu. Quando o problema foi detectado, imediatamente convocou-se à presença, os setores capacitados a lidar com o ocorrido. Logo agendou-se uma visita daquelas empresas que têm aquele treco parecido com uma broca gigante de dentista e que adentra nas veias das casas desentupindo tudo. Só que, por azares do destino, o dono da broca gigante estava com muito serviço e só podia vir aqui na sexta feira, enquanto ainda estávamos na manhã de quarta.

O problema não estava mais restrito às quatro paredes do banheiro, ele já causava um certo desconforto nos que trabalhavam próximos. A grita começou braba, e como sói ocorrer quase sempre, eis que surge o candidato a salvador da pátria. Bateu no peito e garganteou: "deixa comigo".

Por mistérios do além, junto com o herói surgiu no ar aquela sensação de "vai dar..." oops, preciso cuidar com os termos, pois era bem isso que aparentemente ia dar.

Monopolizando as atenções, o nosso herói entrou no banheiro acompanhado de um extintor de incêndio gigante, o maior do andar. Entrou e a porta

trancou, ninguém ia poder acompanhar a odisséia. Do lado de cá só se podia ouvir os fortes jatos de pó branco sendo emitidos lá dentro. Uma fumacinha branca começou a vazar por baixo da porta e pelas frestas da janela. Enquanto isso os barulhos e os jatos continuavam.

Mais alguns minutos e o silêncio se fez presente. Todos já estavam ansiosos, quase com o coração na mão e nada da porta se abrir. Até que um mais corajoso foi lá e bateu toc, toc, toc na porta. Necas de resposta. Animado pela já nessas alturas grande assistência, avançou cuidadosamente, dois passinhos e cléc, abriu a porta.

Amigos, é preciso calma para descrever o que se viu lá: as paredes que eram brancas antes do entupimento e da tentativa de desentupimento, agora estavam amarelo-marronzadas, ou seria melhor marrom-amareladas, mas de qualquer jeito estavam imundas. O cheiro que já não era nada bom antes, agora ficou insuportável: parecia que as portas de Armagedon haviam sido abertas. Finalmente, nosso pobre herói estava já sem camisa, tentando se lavar e quase começando a chorar de raiva e ódio.

Não me perguntem o que ele fizera: não sei a resposta. Só sei que não é uma boa idéia tentar desentupir algo com jatos de extintor. Pode dar... encrenca!

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 27

A Mala da Tia Nonoca

9h11

Um sujeito entra no prédio da Prefeitura de Curitiba carregando uma pesada mala. Pára na entrada, orienta-se, escolhe um estagiário que por ali andava e aborda-o: “Posso deixar a mala com você, enquanto vou resolver um assunto?” O estagiário, pego de surpresa, aceita e leva a mala para detrás do balcão.

10h11

O estagiário olha a mala e pensa com seus botões “Que assunto demorado...”

11h11 e 12h11

A despreocupação é substituída por leve apreensão que, por sua vez, é trocada por pavor crescente. Depois do meio-dia, convencido de que a história estava esquisita e que a mala fora abandonada, o estagiário chama seu chefe e conta-lhe a história. Este chama um guarda municipal, que convoca seu chefe, que chama seu superior, que ouve a história, sopesa a mala, pesa os prós e os contras e,... resolve chamar a polícia.

13h07

4 viaturas chegam e discretamente (se é que isso é possível) dispõem-se nos pontos principais do prédio. O Coronel no comando, depois de absorver a história, dá o veredito: “chamem o esquadrão anti-bomba”. Antes que o prezado leitor ache a reação exagerada, deixe eu contar um caso verídico que aconteceu comigo. Chegando em Paris com uma mala que pesava 1/2 tonelada, fui trocar meus parcos dinheirinhos. Como a mala era um peso danado de carregar, deixei-a na entrada da pequena e meio vazia agência de câmbio. A conversa mimimesca com o mau-humorado francês teve de ser interrompida. Saí correndo em direção à entrada. “Les flics”(os hóme)

estavam de olho na mala e já iam levando ela. E isso foi bem antes do 11 de setembro.

13h41

Chega o esquadrão anti-bomba. Numa viatura bacana, parecida com as dos seriados americanos, vem a turma do barulho. Tentam entrar sem chamar a atenção, mas o leitor bem pode imaginar: é impossível. Saem dois sujeitos vestidos com uma roupa esquisita à prova de explosão; devia pesar mais de 10 kilos. Ainda bem que sempre tem um gaiato por perto: imediatamente batizou a roupa de enfrenta-patroa, segundo ele, ótima para encarar quizzílias matrimoniais.

14h04

Toda a prefeitura já sabe do ocorrido e acompanha o desenrolar do caso. Eu sempre me pergunto porque as organizações gastam milhões com telefones digitais, redes locais, fibras óticas e coisas que tal. Em pouquíssimos minutos, todos no prédio já acompanhavam, torciam e apostavam no desenlace. O esquadrão anti-bomba leva a mala suspeita para um local protegido. O chefe do esquadrão passa o detector de metais e o dito cujo dispara um grito estridente cada vez que chega perto da mala. "Pelo peso, se for explosivo, o estrago vai ser grande", sentencia.

14h32

BUMMMM. Ouve-se uma explosão, pequena e abafada é verdade, mas ainda assim uma explosão. Uma eletricidade percorre as já elétricas pessoas. Corrida às janelas. Passado o susto, vem a explicação: foi o esquadrão que detonou uma pequena carga, tudo sob controle, para ter acesso ao interior da mala.

14h58

Finalmente, a mala é rastreada por instrumentos próprios e tem-se o veredito: a mala contém roupas, alguns livros, talheres, tudo inofensivo. Uma vez aberta, são encontrados apenas dois candidatos à bomba: Uns exemplares atrasados de CARAS e uma bomba de chupar chimarrão – tinha ancestrais gaúchos o dono da mala – enfim, nada perigoso. O raio da bomba de chimarrão junto com o porongo é que enlouquecia o detetor de metais. A Polícia vai embora, ficam apenas alguns agentes esperando o dono da mala aparecer.

O outro lado

Vamos acompanhar agora o outro lado da história. O dono da mala é um recém-graduado em antropologia em Taubaté. Prestes a se formar lá, ele pesquisa na WEB e descobre que temos excelente curso de mestrado em antropologia em nossa cidade. Entra no www.curitiba.pr.gov.br e descobre várias coisas: a Prefeitura aceita guardar malas (esqueceu de ler que

a PMC faz isso NA RODOFERROVIÁRIA) e que a Fundação de Ação Social (FAS) consegue albergar pessoas. Deve ter pensado, como Curitiba é organizada. Mal sabia ele como ia pôr à prova essa organização. Durango como ele só, junta suas poucas coisas, empresta a mala da tia Nonoca e... Curitiba, aqui vamos nós. Chegando aqui, direto para a Prefeitura resolver tudo. Deixa a mala guardada e vamos atrás da FAS. Lá a coisa é mais demorada, mas finalmente pelas 15h encontra-se um albergue legal. É hora de voltar buscar a mala. Aguarda uma carona (que o dinheiro é curto, nunca é bom esquecer) e finalmente, no fim da tarde chega na PMC, atrás do estagiário.

Quando reconhecido, imediatamente o dono da mala é cercado pela polícia, todos querem saber o que é aquilo. O sujeito levou o segundo maior susto da vida dele: explicações, mostra documentos, conta a história, finalmente todos se acalmam. É hora de mostrar a mala. Aí sim é que o sujeito leva o maior susto da vida: a mala parecia um frango desossado, com uma coxa arrancada. Ai, que horror! Toda a privacidade exposta, e a mala da tia Nonoca, que ela emprestou depois de um colar de recomendações: não encher demais, não pôr peso em cima, cuidado com a chuva, essas coisas.

Ainda bem que uma alma piedosa se compadeceu do cara: vendo aquele drama, decretou: a Prefeitura vai te dar uma mala em melhores condições. Toca a levar o antropólogo, agora como convidado do Município, até a FAS (de novo!), onde tem um lugar chamado Liceu do Ofício do Couro. Lá, artistas artesãos recuperam itens lançados pela população no “Lixo que não é Lixo” e criam verdadeiras obras primas de restauro.

Ufa, que sorte! Achou-se uma mala bacana, fêz-se a mudança dos itens da mala da tia Nonoca para a nova mala e doou-se-a ao novo proprietário. No fim, entre mortos e feridos, tudo acabou bem: a tia Nonoca vai ficar satisfeita, a nova mala é superbacana.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 28

O Microcomputador

Num esforço de reportagem o Bate Byte foi atrás de personagem importante e que está aniversariando. Não foi fácil, ele é arredo e não gosta de falar, mas ninguém consegue escapar aos nossos repórteres. Assim, com vocês, a grande personalidade do ano 2002, na exata ocasião em que ele faz 20 anos e entra na idade adulta:

O MICROCOMPUTADOR

Como é fazer 20 anos?

Maravilhoso. A gente deixa de ser criança e passa a inventar coisas mais importantes, grandiosas e consistentes. Me aguardem, vocês não têm idéia do que vem por aí.

Quando você nasceu, tinha idéia do sucesso que o esperava?

Nem nos meus sonhos mais grandiloquentes. Imaginava que iria para algumas empresas, talvez para alguns empresários espertos. Essa coisa de ocupar o quarto dos adolescentes ao lado do som e da TV portátil é novidade até para mim. Gosto muito de estar no quarto dos adolescentes, é uma gente cabeça como eu. O único problema é que esse pessoal usa muito tênis ao invés de sapato. Às vezes o aroma fica brabo.

Quem é seu pai e quem é sua mãe?

Tenho muitos pais e muitas mães, se é que é possível. Mas, acho que o meu pai é um sujeito chamado Steve Jobs. Minha mãe bem pode ser o Bill Gates.

Você ficou rico?

Um tanto. Na verdade não sei bem o que fazer com o dinheiro. Tenho muito dele, mas apenas na modalidade digital. Ainda desconheço como

usá-lo, mas essa não é uma sensação inédita. Tem muitas coisas que ainda não sei como fazer.

E o seu guarda-roupa?

Muda a cada ano. No começo gostava muito da roupa cor verde, era sóbria e elegante, mas de uns anos para cá, ela ficou colorida, animada, com voz e música. Só que a roupa, por ser nova, nem sempre fica do jeito como eu gosto. Tem umas calças novas que me apertam, um chapéu que não entra na minha cabeça, uma camisa cujas mangas deviam ser de um orangotango, pois tem 2 palmos a mais que os meus braços, mas, que remédio! Ano que vem, troca o guarda-roupa, de novo. O duro é que eu nunca consigo ter aquela roupa confortável, do meu exato tamanho, já gasta nos punhos e colarinhos, tão confortável que nem parece roupa. Uma pena.

Como anda o relacionamento com os seus parentes mais velhos?

Temos algumas dificuldades de comunicação. Tem um tio, o Dino, que é bem bacana. Eu não sei a origem do apelido (Dino), o nome real dele é Mainframe. Falo muito com ele, se bem que as vezes parece que estou falando com uma parede, ele me escuta mas não me ouve. Eu não entendo uma palavra do que ele fala, mas vamos levando.

E com os mais novos?

Tem um pirralho que é do tamanho de um livro, metido a besta que ele só. Mas, fazer o quê. Parente é parente, tenho que agüentar.

Bate-Pronto

Uma alegria: estar em todos os lugares da terra ao mesmo tempo.

Uma tristeza: os xingamentos com que sou brindado a cada vez que a minha roupa mostra a mensagem "esta roupa executou uma operação inválida e será encerrada". Além de xingado e às vezes agredido, acabo nu.

Uma injustiça: só estou presente nos lugares mais opulentos e desconfio que sirvo para deixar ainda mais ricos os que já o são. Gostaria muito de estar na África, na Ásia e na América Latina, nos lugarejos pobres e nas escolinhas rurais. Pois é bem lá que eu quase nunca vou.

Uma vingança maravilhosa: quando aquele empresário famoso lá de Seattle foi mostrar a minha roupa nova toda colorida e eu de birra, de tanto que já havia sofrido com aquela gente, botei a minha velha e gasta camisa azul.

Programa preferido da TV: qualquer um do discovery channel, menos aquele que mostrava uma fábrica de microcomputadores. Me pareceu algo assim como o Big Brother ou Casa dos Artistas, não gostei.

Lugar gostoso: alí na Mateus Leme. Lá todos tratam bem de mim.

Prato que mais gosta: um disquete levemente aquecido pelo sol, principalmente se tiver a cópia única de um arquivo importante. É uma delícia, adoro mastigá-lo com gosto.

Você morre de medo quando: o usuário arma os 3 dedos na posição de pressionar CTRL-ALT-DEL. Fico gelado, pois naqueles longos minutos em que minhas entranhas se organizam, fico impossibilitado de fazer ou dizer algo: é uma miniesquizofrenia das brabas. Ainda se fosse só uma vez por dia...

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 29

Hummm..., já entendi...

Mais uma história recente e verídica, como sempre. Os personagens são dois colegas que prestam serviços em uma secretaria cliente da CELEPAR. Quem são os colegas e qual é a secretaria não posso contar.

Recentemente, foram designados para fazer uma manutenção grande na rede local de uma sede regional dessa secretaria lá no interiorzão do Estado. Bota interior nisso, que a viagem de carro para chegar lá demora mais de 10 horas.

A secretaria disponibilizou dois carros: eles podiam escolher. O mais velhinho até que era bacana, mas havia um novo: quase do ano. Este último era melhor, mas tinha pequeno defeito. Na hora esse pequeno defeito foi considerado como irrelevante, assim este último foi o escolhido.

Saíram cedinho, fazia um calor senegalesco, quase 40 graus, e finalmente ao anoitecer, chegaram na cidade. Rápido para o hotel e primeira providência tomar um banho com muita água. Após o registro, cada um pegou a chave do seu quarto e saíram quase correndo em direção a uma chuveirada.

Quando um deles entrou no chuveiro, percebeu que havia uma janela do box diretamente sobre um tubo de ventilação do hotel e pôde perceber nitidamente o barulho do colega entrando no outro box e ligando a água. Os dois banheiros estavam conectados por um canal de voz, digamos assim.

Foi o que bastou para o primeiro largar um "e aí compadre? tá boa a água?" Ao que o colega respondeu com uma gaiatice qualquer e por aí foi o diálogo.

Só que os dois não pararam para pensar que se um ouvia o outro pelo duto de ventilação e se o duto de ventilação ligava todo o hotel, logo todo o hotel ouvia a conversa. Imagine prezado leitor, você hóspede ou funcionário do

hotel, dando sopa por ali e ouvindo o barulho de água caindo enquanto dois marmanjos batem o maior papo, entremeados de "oops, entrou água no olho" e "cadê o sabonete?". O que você pensaria do caso, prezado leitor?

No dia seguinte, quando saíram do hotel, tava todo mundo de olho na dupla e aí aquele defeito insignificante lá do começo revelou-se o tempero final na nossa história. Pois o problema no carro era que a porta do motorista não abria por fora. Assim, um colega levou o outro até a porta do passageiro, abriu a porta para ele, que entrou e se acomodou. Só depois disso, o motorista assumiu o lugar, ligou o carro, acelerou e se mandou.

Lá no hotel ficou um ar de "hummm..., já entendi...".

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Capítulo 30

Todas as Perguntas Respondidas

Em 5 de outubro de 2001, na Universidade Técnica de Munique, Donald Knuth apresentou uma aula intitulada “Todas as perguntas respondidas” para uma audiência de cerca de 350 pessoas. Este artigo contém uma tradução livre de alguns momentos dessa aula. Originalmente um professor de matemática, Knuth ganhou fama internacional como cientista da computação, especialmente na área de análise de algoritmos. A série seminal de 3 livros denominada *The Art Of Computer Programming* ainda é o que há em estudo de algoritmos, mais de 30 anos depois de sua publicação original. O longamente aguardado quarto volume está a caminho. Partes dele podem ser vistas em www-cs-faculty.stanford.edu/~knuth/. Knuth tem mais de 160 livros e artigos publicados e aclamados como o estado da arte. Ele é o criador das linguagens TEX e METAFONT usadas para composição tipográfica, que revolucionaram a publicação de textos matemáticos no mundo. Este livro que você leitor, está lendo, foi composto no software (livre) TEX. A lista de prêmios e medalhas do professor Knuth é impressionante.

Knuth explica: em qualquer curso que eu dou em Stanford, o último dia de aula sempre é devotado a “todas as perguntas respondidas”. Os estudantes não precisam vir para a aula se não desejarem e os que vêm podem fazer qualquer pergunta sobre qualquer assunto exceto política, religião e exame final. Eu tirei esta idéia de Richard Feinmann (Prêmio Nobel de Física) que fazia a mesma coisa nas suas aulas na CalTech e é sempre interessante para saber as coisas que realmente interessam aos estudantes. Hoje eu responderei a qualquer pergunta sobre qualquer assunto. Sobre política e

religião eu responderei “não sei” e não há exame final para nos preocupar. Então, quem quer começar?

Há um ligeiro mal estar no auditório e o professor Knuth diz “Bom, já que não há perguntas...” e faz menção de ir embora. É o que basta para surgirem diversas questões.

Os matemáticos dizem que Deus tem o “livro das provas” no qual estão escritas as provas de todos os teoremas. Você poderia recomendar algum algoritmo para esse livro?

Knuth: bonita pergunta. Eu lembro que nos anos 60, os matemáticos disseram que a ciência da computação chegaria à maturidade quando ela tivesse 1000 algoritmos profundos. Eu penso que provavelmente chegamos aos 500. Certamente há alguns algoritmos que eu penso possam ser considerados absolutamente maravilhosos e imortais, em algum sentido. Um exemplo é o algoritmo de Euclides (um algoritmo recursivo que calcula o mdc).

Você tem tido idéias sobre computação quântica?

Knuth: sim, mas eu não sei direito como esse negócio funciona. É um paradigma diferente do que eu tenho usado. Ela tem um monte de coisas em comum com a computação que eu conheço, mas é algo vagamente misterioso essa coisa de você ter todas as respostas ao final. Muitos aqui devem ter visto o filme “Corra Lola, corra” no qual a história rola de 3 pontos de vistas diferentes. Computação quântica é parecida, o mundo vai em diferentes caminhos ao mesmo tempo e ao final escolhe-se o melhor. Eu sou razoável em computação não quântica, assim é possível que quando a computação quântica chegar, eu não seja habilidoso nela. Estou muito interessado em computação, mas porque ocorreu de eu ser bom nisso aí. Afortunadamente, eu consegui achar uma coisa na qual eu sou competente e que tem interesse para outras pessoas. Eu não desenvolvi a minha habilidade em trabalhar com algoritmos porque eu pretendia ajudar as pessoas a resolverem problemas. Quando eu era adolescente, eu tinha um jeito peculiar de pensar que me fez ser um bom programador. Mas eu não serei um bom programador em computação quântica. É outro mundo.

Parece-me mais fácil revisar um livro do que corrigir programas. Como se pode aplicar a teoria para melhorar o software?

Knuth: certos erros do software são mais difíceis de corrigir do que erros em livros. De fato, eu cheguei à conclusão depois de gastar 10 anos da minha vida trabalhando no projeto TEX, que o software é “duro” (...the software is hard...). É mais difícil do que qualquer outra coisa que eu tenha feito. Nos meus livros, eu ofereço recompensas para a primeira pessoa que encontre qualquer erro, e eu devo dizer que tenho assinado mais cheques para alemães do que para cidadãos de qualquer outro país (a palestra era

na Alemanha). Eu penso que deixar os usuários reportarem erros é uma técnica importante que poderia ser usada pela indústria de software. A Microsoft poderia dizer “você obterá um cheque de Bill Gates cada vez que você achar um erro”.

Você tem um grande interesse em quebra-cabeças, incluindo a Torre de Hanoi em mais do que 3 pinos. Qual a melhor (menor) solução para este problema?

Knuth: todos aqui conhecem o problema da Torre de Hanoi ? Há 3 pinos e nestes diversos discos colocados. Os discos estão ordenados, o maior abaixo e o menor acima da pilha. A pilha toda deve ser movida, um disco de cada vez e não podendo colocar um disco grande sobre um disco menor. Há um pino auxiliar para ajudar na mudança. Henry Dudeney inventou a idéia de generalizar o problema para mais do que 3 pinos, e a questão de encontrar o menor caminho para mover a torre com 4 pinos, tem sido uma questão aberta por mais de 100 anos. Outro problema famoso é a não menos famosa Conjectura de Goldbach (todo inteiro par é a soma de 2 primos ímpares). Hoje eu penso que este problema nunca será resolvido (a prova ou a negação da conjectura). Este pode ser um dos teoremas indemonstráveis que Gödel mostrou existirem. Quanto ao problema da Torre com 4 pinos, eu cheguei à conclusão de que nunca seria capaz de resolvê-lo e eu parei de trabalhar nele em 1972. Mas antes, gastei uma boa semana trabalhando duro nele.

Quais são os 5 problemas mais importantes na computação?

Knuth: eu não gosto desse negócio das “10 mais” (top ten) . É dos 10 de baixo (bottom ten) que eu estou interessado. Eu penso que a gente deve ir para as coisas pequenas, as pedras que farão a parede.

Você gastou uma grande parte de sua vida em tipografia matemática. Como avalia o impacto do seu trabalho?

Knuth: eu estou muito feliz porque o meu trabalho é de domínio público e torna possível às pessoas de qualquer plataforma se comunicarem pela Internet. Há duas semanas eu ouvi os projetos dos jornais online da Sociedade Européia de Matemáticos. Tais coisas seriam impossíveis sem o software aberto que acabou resultando do meu trabalho. Assim, eu fico deliciado por ajudar o progresso da ciência. Eu gosto de ver livros que têm um visual bom. Antes de eu começar meu trabalho com o TEX, os livros de matemática tinham visual ruim e pioravam de ano a ano. Dava um bocado de trabalho e as pessoas que poderiam fazer algo não estavam interessadas em textos matemáticos. Eu nunca esperei que TEX se transformasse no padrão mundial de publicações matemáticas

Você mandou cheques para pessoas que apontaram erros nos seus livros. Eu nunca ouvi falar que qualquer dessas pessoas descontasse um único cheque.

Você tem idéia de quanto dinheiro perderia se essas pessoas repentinamente sacassem o dinheiro?

Knuth: Existe um homem que mora perto de Frankfurt que provavelmente teria mais de 1000 US\$ se descontasse todos os cheques que mandei a ele. Existe um em Los Gatos, Califórnia, que eu nunca encontrei, que desconta um cheque de US \$ 2,56 por mês e que deve ter cheques para vários anos ainda. Devo ter enviado mais de 2000 cheques com valor médio de US\$ 8,00 por cheque. Ainda que todos eles resolvam sacar, eu ficarei no lucro: meus livros terão ficado melhores.

(Obs: no mundo da informática, ter um cheque de Knuth, devidamente emoldurado e pendurado na parede do escritório, é como ter recebido um grande prêmio. É uma honraria, daí que ninguém os desconta).

REFERÊNCIA O texto original da aula pode ser encontrado em <<http://www.ams.org/notices/200203/fe-knuth.pdf>>

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Capítulo 31

Inteligência Artificial

Neste mês ocorreu algo inusitado no Comitê do Bate Byte: pronta uma capa bonita abordando a inteligência artificial (IA), encomendaram-me o artigo que segue. Inverteu-se a regra: escolher a capa sobre um artigo. Agora é escrever um artigo sobre a capa já escolhida. Não tem problema, vamos ao tema.

As gerações atuais talvez não consigam imaginar o mundo pré-internet, ou mesmo pré-computador (sim, isso existiu um dia), mas para contar esta história precisamos voltar 50 anos no tempo. Então, ficamos assim, estamos no final na segunda grande guerra.

O mundo se debate na carnificina que foi aquela guerra. Estima-se um total de 20.000.000 de mortos. Durante 2 anos, os atores principais foram a Alemanha e a Rússia (frente oriental) e a mesma Alemanha contra a Inglaterra (na ocidental). Os Estados Unidos assistiam de camarote e só entrariam na guerra em 42, depois do episódio de Pearl Harbor. A história da frente oriental meio que se resolveu com a ajuda do General Inverno, que já derrotara Napoleão, embora a maior parte de mortos da guerra venha de lá. Já na frente ocidental, a Europa continental foi invadida rapidamente, quase de susto, sobrando a ilha britânica do outro lado do canal. Os ingleses, durante um bom tempo, foram a resistência ao avanço nazista.

No final da década de 30, um engenheiro alemão descobrira e patenteou uma máquina de codificação de mensagens. As forças armadas alemãs compraram esse engenhoca aos milhares e em plena guerra ela codificava todo o tráfego de mensagens. O nome dessa máquina era Enigma e por milagres da tecnologia, ela pode ser operada ainda hoje na Internet (<<http://www.ugrad.cs.jhu.edu/~russell/classes/enigma/>> em 8 de abril de 2002).

Os alemães tinham garantia do fabricante de que as comunicações eram seguras e o tráfego secreto corria solto. Do lado inglês, o governo, preocupado, criou um centro de cifragem convidando a trabalhar nele os melhores matemáticos disponíveis. O líder acabou sendo um inglês de 30 anos chamado Alan Turing. Ele recebeu a incumbência de decifrar a Enigma e, nas melhores tradições da matemática inglesa, deu conta do recado maravilhosamente. Ele trabalhou sobre algumas idéias iniciais de um criptoanalista polonês que investigara a máquina no final dos anos 30. A Polônia desconfiava, já fazia tempo, que quando a coisa esquentasse, ela ia ser a "bola da vez". Não deu outra, a guerra começou exatamente lá.

Turing descobriu que precisava de ajuda para analisar as combinações possíveis da Enigma e em 43 ele projetou o primeiro computador da história. Todos nós já ouvimos falar que o primeiro computador foi o ENIAC fabricado pelos americanos e aquela coisa e tal. Desconfio que o Turing chegou antes e o resto do mundo só não ficou sabendo pelo sigilo que cercou a iniciativa e que só foi rompido nos anos 80, além de uma ajudinha da onipresente propaganda da "way of life" americana. De qualquer forma quem diz isso não sou eu, leia, a propósito, o excelente livro de Simon Singh – O livro dos Códigos.

Turing tomou gosto pela coisa e em 50, ele publicou um estudo (Computing Machinery and Intelligence, na revista MIND, 1950) que é considerado o nascimento da IA. Nesse estudo ele descreveu o assim chamado Teste de Turing para considerar um computador inteligente (ou não). De passagem, ele sugeriu que em 50 anos um computador ganharia do campeão mundial de xadrez. Parece que não tem muito tempo, um computador chamado Deep Blue andou aprontando para o Kasparov. O Turing errou na previsão por alguns meses apenas. (Para estudar o match, veja <http://www.research.ibm.com/deepblue/home/html/b.html> em 08/04/02 e se, ao contrário, quer ter uma visão crítica sobre o desempenho da máquina, veja os escritos do professor Waldemar Setzer em <http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/> na mesma data).

Turing bolou um teste, para detectar inteligência. Está descrito no livro "A Nova Mente do Rei", de Roger Penrose, mas pode ser assim resumido: imagine que você quer saber se o computador X é inteligente, ou melhor: tem um software carregado que é inteligente. Escolha uma pessoa Y que seja esperta e coloque X e Y em dois quartos de uma casa. Você só pode acessar (conversar com) X e Y através de dois terminais de vídeo+teclado. Você sabe que ambos estão ali, mas não sabe se X é o humano ou o computador e Y idem, idem. Faça as perguntas que quiser, analise as respostas e se você puder determinar quem é o humano e quem é o computador, o computador estará reprovado no teste. Se o interrogador – você – não conseguir saber quem é quem, ou pior, se você se enganar na identificação

dos respondedores, o computador terá sido aprovado no teste.

O teste não precisa ser absoluto. Pode ter limites de tempo (10 minutos?) ou de assunto, (só política internacional, por exemplo). Excetuando-se as embromações e as brincadeiras (veja uma maravilhosa de autoria do nosso colega Arno Muller, sob o título Uma lagoa de marrecos, no BB número 10 de setembro de 1991), este é o teste de Turing. Ele já foi muito criticado por ser de difícil aplicação, e por ser mais “filosófico” do que prático, mas não tem jeito: ainda é a melhor métrica para a inteligência das máquinas.

A dificuldade está em que nós não temos uma definição operacional do que seja inteligência. Pergunte para 3 pessoas o que é inteligência, e provavelmente você terá 3 respostas diferentes. Por exemplo, vejamos as seguintes definições da IA:

1. “a máquina está a ser inteligente quando a tarefa que está a executar necessita de inteligência quando executada por seres humanos”. Marvin Minski.
2. “IA é a ciência que estuda a forma de desenhar programas de computador que exibam características que comumente associamos ao comportamento humano inteligente”. Aavron Barr.

Note-se que em ambas as definições, e em geral em todas elas, temos uma associação ao comportamento humano. Isso nos remete à questão do que é a inteligência humana, que também não tem resposta satisfatória.

3. “IA é o estudo de como fazer os computadores realizarem coisas que, no momento, as pessoas fazem melhor”, Elaine Rich. Esta definição, além de fugir da questão espinhosa da inteligência, ainda dá idéia de movimento e de imprecisão, algo que é importante em IA.

Muitas coisas foram e são feitas dentro da IA. Qualquer universidade – de média para cima – tem o seu departamento de ciências cognitivas, outro nome da área. As principais aplicações são:

Sistemas Especialistas Buscam capturar de maneira sistemática e depois disponibilizar um acervo de conhecimento de um especialista para que possa ser usado por outras pessoas. Lembro-me de uma história de uma fábrica da GE de locomotivas nos Estados Unidos. Conta a história que havia um engenheiro já bem velho, que conseguia determinar o defeito de uma locomotiva apenas cheirando-a. O engenheiro já havia adiado a aposentadoria diversas vezes, mas a idade era cada vez mais alta. Hoje tem lá um SE que não chega nem perto do velho, mas que pelo menos não vai se aposentar tão cedo.

Reconhecimento de Padrões Esta é uma área importante, já que quase tudo em nosso entorno é formado por padrões. Poderia citar diversos

exemplos, mas fico com um bem recente: Foram instaladas algumas câmeras de captura de imagens em pontos de alto tráfego em Curitiba. O Objetivo é apenas reconhecer quais (e quantos) carros estão trafegando. É um sistema parecido com o das multas, mas apenas até a captura da imagem. No de multas, um ser humano lê a placa e digita-a num computador qualquer. O sistema de captura automática perscruta a imagem até localizar a placa e depois ele mesmo reconhece e apropria a placa. Londres usa um sistema semelhante desde 1997.

Jogos Esta é a praia da IA por excelência. O campeão mundial de damas é um programa de computador. É uma história interessante: O primeiro programa começou a ser feito em 1952, quando Artur Samuel da IBM trabalhou num programa que aprendia com seu próprio desempenho (jogando contra si milhares de vezes).

Jonathan Schaeffer em 1990 concluiu o chinook (<http://www.cs.ualberta.ca/~chinook/>). Em 1992 chinook venceu o Dr. Marion Tinsley que fora campeão mundial por 40 anos, e que só havia perdido 3 partidas até então. Perdeu a quarta e a quinta, mas o embate terminou com 21.5 a 18.5 pró Dr. Tinsley. Um novo match em 1994 foi encerrado por doença do Dr. Tinsley. Acho que foi um cai-cai, como de vez em quando tem no futebol. Seja como for, o programa é hoje o campeão mundial. O chinook usa um banco de dados para finais com 8 peças (ou menos) no tabuleiro que contém 443.784.401.247 posições.

O xadrez tem uma história menos vitoriosa, mas ainda assim importante: o Deep Blue ganhou uma série contra Kasparov em 1997. As partidas foram: 1=Kasparov, 2=Deep, 3=Empate, 4=Empate, 5=Empate e 6=Deep.

Existem inúmeras outras áreas (reconhecimento de voz, fala artificial, comunicação em linguagem natural, demonstração de teoremas, robótica, etc.), mas o espaço acabou. Até a próxima.

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Capítulo 32

Obliterações

Na acepção 2 do Aurélio, obliterar é “destruir, eliminar, suprimir” e é sobre isto que nos fala esta história. Quantas vezes ao escrever uma palavra qualquer no micro “ecrevemos” (atenção revisão: é ecrevemos e não escrevemos) errado? Você acabou de ver uma obliteração, alguém (meus dedos?) sumiu com a letra “s” de escrevemos.

Isto é comum quando o pensamento é mais rápido que os dedos que digitam, isto é, quase sempre. Via de regra, depois que se termina um texto, mandam os bons costumes que o digitador leia o que escreveu, e neste caso as obliterações são – em geral – descobertas e corrigidas. Quando o texto é muito importante, é comum pedir-se a outra pessoa que faça a revisão, já que muitos erros cometidos pelo digitador não podem ser facilmente descobertos por esse mesmo revisor. Há necessidade de um terceiro. (Este livro, por exemplo, foi revisado pela Evelise. Meu muito obrigado a ela pela trabalhadeira).

São cuidados mínimos para não pagar mico e, na sua falta, o implacável imponderável sempre dá as suas caras, como vai-se ver a seguir.

A cena é o exame final do curso de informática em uma universidade bem conceituada de Curitiba. Nesse curso, os alunos – para se formarem – precisam construir um software desde a sua concepção até sua operação sem nenhum erro grave. Eles têm 1 ano para essa tarefa e acreditem-me, geralmente é pouco tempo.

Há alguns anos, uma equipe estava na última banca para aprovação. Nós chamamos esta banca de magna, pois por ser a última é composta por todos os professores orientadores, que naquele ano eram em número de 9. A equipe em questão era formada por 3 alunas, bonitas, charmosas e também competentes, não esqueçamos de afirmar.

Estavam as 3 nervosas, roendo os dedos que as unhas já haviam acabado, numa espera imensa e infernal quando chegou a vez delas. Entraram na sala, instalaram o software, os micros, eram 3 que aquilo rodava em rede, o canhão, enfim, todas essas parafernálias que todos tão bem conhecemos.

Rolava a apresentação, sem maiores problemas, o que por sí só já devia ser sério indício de que alguma coisa grave ia acontecer, essas coisas nunca rolam sem maiores problemas, quando... Mostrou-se uma transparência imensa cujo título era "processamento de pedidos", afinal o software era para automatizar uma pequena lojinha de bairro.

Nessa hora a obliteração (a maldita) introduziu-se na história. O digitador (o maldito) esquecera-se de digitar, obliterara uma letra no título. Maior gravidade não haveria se fosse qualquer letra, mas qual o quê: a letra roubada fora a terceira letra da terceira palavra, as alunas estavam apresentando uma transparência onde em letras garrafais se dizia "processamento de peidos".

Não preciso descrever como terminou a banca. Apenas informo que as alunas foram aprovadas, o software estava muito bom.

Autor: Pedro Luis Kantek G. Navarro

Capítulo 33

A Distração Mata

Aqui na casa temos exemplos históricos de distrações quasi-fatais. Uma famosa e antiga é a de um gerente que a bordo do seu fusquinha amarelo recém-tirado da revenda, zero quilômetro, esperava o sinal abrir para seguir pela Cândido de Abreu para vir trabalhar. Olhando distraidamente para o lado, viu o carro do lado arrancar e não teve dúvida: arrancou também. Só que na frente dele tinha um caminhão carregado com toras. Uma delas foi parar no banco do passageiro do (ex-) fusca. Isso deve ter sido em 72,73. A Cândido de Abreu tinha pouco movimento e duas mãos.

A história de hoje é bem mais recente. Tendo de resolver um problema urgente em Foz do Iguaçu, saíram às carreiras dois analistas da CELEPAR. Corre pro aeroporto, corre pro avião, desembarca, corre pro táxi, corre pro hotel, larga as malas e corre para o destino final: o lugar do serviço.

Milagrosamente tudo correu bem, o problema foi lindamente resolvido e ao entrar da noite, tudo estava certo. Era só ir pro hotel, um belo banho, uma janta gostosa e abundante, que afinal era a primeira refeição decente do dia, uma noite de sono, um avião bem cedinho e lá pelo meio-dia estariam aqui. Dera tudo tão certo, que era para começar a desconfiar.

Entraram os dois no táxi de volta ao hotel e deu-se o seguinte diálogo:

- Por favor, nos leve ao hotel..., Fulano, como é o nome do nosso hotel?
- Não sei. Achei que você sabia. Mas você não reparou quando largamos as malas?
- Não, achei que você estava prestando atenção.

Que vexame! Se fosse uma cidadezinha de 10.000 habitantes o problema estaria resolvido, mas o prezado leitor faz idéia de quantos hotéis tem em Foz do Iguaçu?

Não houve meio de descobrir o hotel. Um dos distraídos dizia: era um hotel cercado de mato... o outro dizia era um hotel longe do aeroporto, e o motorista de táxi, embora tentasse ajudar, estava mais perdido do que os dois.

Nisso, um lampejo: vamos olhar o voucher da viagem, lá tem o nome do hotel. Fulano, cadê o voucher? Cara de desânimo e a resposta: deixei na mala, no hotel.

Por não quererem empacar o motorista, pagaram a bandeirada e saíram do carro, sentando num banco de praça até atinar o que fazer. Ligaram para a secretária aqui na CELEPAR,... que já tinha ido embora, é lógico.

Como se resolveu isso?

Ligaram para o chefe, que deu o telefone da casa da secretária. Esperaram ela chegar e ao falar com ela, ela não lembrava, é claro. A coisa só se resolveu quando a secretária ligou para a CELEPAR para uma pessoa que estava por aqui, pedindo para essa pessoa ler o voucher, que estava sobre a mesa da secretária. Descoberto o nome do hotel, ela ligou para a dupla em Foz do Iguaçu dando a boa notícia:

”o hotel de vocês é o...”

Finalmente aquele programa (banho, jantar, dormir etc.) pôde ser iniciado. Com um pequeno atraso de quase 3 horas, mas paciência. Melhor que nada. Da próxima vez, vão anotar num pedacinho de papel.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 34

O Criador dos Algoritmos

Não custa lembrar que as centenas de milhões de computadores que estão por aí, na face da terra, rodam programas. E, um programa nada mais é do que a materialização de um algoritmo. Assim, o conceito de algoritmo adquiriu alguma importância no nosso dia-a-dia. Eis a razão pela qual voltamos para a história da vida daquele que é considerado o criador do conceito.

Fala-se de Leonard Euler, nascido na Basileia em 1707, filho do pastor calvinista Paul Euler. O pai já havia escolhido a profissão do filho: Teologia. Embora dono de um talento impressionante para a matemática o filho, obedientemente foi estudar teologia e hebraico na Universidade da Basileia. Lá travou contato com dois irmãos, Daniel e Niklauss Bernouilli, que vêm a ser membros da famosa família de matemáticos. Nada menos que 8 componentes deste clã deixaram seu nome na matemática em espaço inferior a 100 anos. A família Bernouilli era famosa: Daniel contava que um dia recebera o maior elogio de sua vida. Viajando incógnito, durante uma passeio, travou conversa com um desconhecido. No meio do papo, humildemente, apresentou-se: "Eu sou Daniel Bernouilli", ao que o conhecido fez cara de zombaria e respondeu cheio de pompa "E eu, sou Isaac Newton". Nos dias de hoje se diria "e eu, sou a Madonna".

Pois, voltando aos dois irmãos, logo depois de terem conhecido Euler, chegaram à conclusão de que valia a pena a humanidade perder um pregador medíocre em troca de um grande matemático. Foram convencer Paul Euler a que liberasse o filho. O velho Paul, que fora contemporâneo na escola de Jakob Bernouilli, o pai de todos, e tinha pelos Bernouilli muito respeito, aceitou relutantemente que o filho deixasse a Teologia.

O bacana passou a se interessar por quantos problemas passassem perto dele: estudou a navegação, as finanças, acústica, irrigação, entre outras

questões. Cada novo problema levava Euler a criar matemática inovadora e engenhosa. Conseguia escrever diversos trabalhos em um único dia e contava-se que entre a primeira e a segunda chamada para o jantar, era capaz de rascunhar cálculos dignos de serem publicados. Euler tinha memória e intuição e com eles trabalhava. Era capaz de realizar um cálculo completo de cabeça, sem pôr o lápis no papel. Foi conhecido ainda em vida como "a encarnação da análise".

O primeiro algoritmo de que se tem notícia, trabalhado por Euler, é a previsão das fases da lua. Relembrando, a terra atrai a lua e a lua atrai a terra, e o conhecimento deste fato com precisão ajuda a criar tabelas de navegação, fundamentais para um navio descobrir onde está. Não nos esqueçamos que estamos no século XVIII, muito antes da existências dos GPSs da vida.

O cálculo do comportamento da lua seria quase trivial se não aparecesse na história o sol. É o assim chamado problema dos 3 corpos. Euler não achou uma solução, que de resto até hoje não existe, mas trabalhou num algoritmo que permitia calcular um primeiro valor aproximado para a posição da lua. Reintroduzindo essa primeira posição no mesmo algoritmo, era possível obter um novo valor melhor, e agindo sucessivamente dessa forma poder-se-ia chegar ao valor com a precisão desejada. O Almirantado Britânico pagou 300 libras (um dinheirão) a Euler pelo algoritmo. Pensando bem, Euler deve ter sido o primeiro programador profissional da história do mundo.

Quando passou pela Rússia, Euler foi convidado pela czarina Catarina (a grande) a ajudá-la a resolver um imenso abacaxi. Andava pela corte Denis Diderot, francês famoso e ateu convicto. Diderot passava seu tempo tentando convencer as pessoas de que Deus não existia, o que deixava a religiosa Catarina furiosa. Euler, disse "deixa comigo" e imediatamente proclamou ter uma prova algébrica da existência de Deus. Rapidamente, Catarina convidou toda a corte para assistir o dilema teológico entre Euler e Diderot.

No grande dia, Euler levantou-se, pigarreou, dirigiu-se à lousa e escreveu:

"Senhor,

$$\frac{(a + bn)}{n} = x$$

, portanto Deus existe, refute!"

O pobre do Diderot que era uma nulidade matemática não conseguiu dizer nada e humilhado, deixou a corte. Não é necessário explicar que o argumento do Euler é um baita facão. Ele deve ter sido um ótimo jogador de truco.

Outro problema estudado, pelo qual é atribuído a Euler a paternidade da Teoria dos Grafos, é o famoso problema das pontes de Königsberg (atual Kaliningrado). Explica-se: corta a cidade o Rio Pregel, formando o seguinte padrão de 4 regiões (margem esquerda, direita, ilha pequena e ilha grande) e 7 pontes.

Desde a idade média desconfiava-se que não era possível sair de um lugar qualquer, atravessar as 7 pontes uma única vez cada uma e retornar ao ponto de partida. Euler conseguiu mostrar que para este caminho existir cada ponto deve ser ligado por um número par de pontes (ou deve haver apenas 2 lugares com pontes ímpares, se estes lugares forem a saída e a chegada e forem diferentes entre si). Até hoje, na teoria dos grafos, um caminho que goze desta propriedade é chamado caminho Euleriano.

É de Euler a primeira contribuição importante para a solução do Último Teorema de Fermat (não existe n tal que $x^n + y^n = z^n$, para $n > 2$). De fato ele provou que o teorema era verdadeiro para $n = 4$.

Com a idade de 28 anos, Euler perdeu a visão de um olho, por isso grande parte dos retratos dele que foram preservados o mostra como caolho. Longe de incomodá-lo, este problema não deixou seqüelas, de fato ele chegou a dizer que agora teria menos distrações com um olho a menos.

Com a idade de 60, surgiu uma catarata no olho bom, e antes que ele ficasse cego, começou a treinar a escrita com os olhos fechados: não queria parar de produzir. Pelos próximos 17 anos continuou criando matemática da melhor qualidade. Seus colegas chegaram a dizer que aparentemente a cegueira ampliara os limites de sua imaginação. Em 1776 operou-se-lhe a catarata e por alguns dias ele voltou a enxergar. Mas logo depois veio uma infecção (ainda não havia antibióticos) e ele voltou a mergulhar na escuridão. Não se abalou e continuou a trabalhar até a idade de 84, quando segundo Condorcet, deixou de viver e de calcular.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 35

Embalagem Unitária ou Dupla?

Uma história do arco-da-velha. Fins dos anos 70, as empresas mais corajosas começam a comprar esse tal de computador. De marca nacional, que naquela época computador só com sotaque brasileiro. Esse, no caso, tinha sotaque francês, mas falava "leíTE quenTE". Lá fui eu meter o bedelho como convidado a dar uns palpites e ajudar na tal da informatização. A coisa até que andou bem, mas os anos passaram e hoje nem o fabricante nem a empresa existem mais.

O episódio não tem muito a ver com informática e sim com os confusos e inexplicáveis caminhos por onde anda a racionalidade (?) humana. A gente vê cada coisa...

Estava um dia na área de compras da empresa e peguei uma conversa de um telefonema. Não fui indiscreto, não, o sujeito é que falava aos gritos. Resumindo o papo, ele estava sendo comunicado pelo fornecedor que um determinado item que era necessário para a fábrica e era vendido em embalagens unitárias, devido a problemas inespecificados, passaria a ser entregue em embalagens contendo duas peças. O encarregado do almoxarifado enfureceu-se, subiu nas tamancas. Ele dizia que nessas condições deixaria de comprar a peça desse fornecedor e iria buscá-la diretamente no mercado internacional. A peça era pouco usada e muito cara, não tinha o menor sentido empurrar 2 unidades quando apenas uma era necessária.

O fornecedor deve ter ficado preocupado, pois como se disse a peça era muito cara, e esse comprador em especial, era um grande cliente, havia que tratá-lo com carinho. Não prometeu nada, mas disse que ia fazer

gestões junto ao fornecedor dele. Era difícil, tratava-se de política mundial do fabricante, mas sempre é possível conversar. Essa foi a promessa.

Passaram-se os meses e, de vez em quando, eu perguntava como andava essa questão. A resposta sempre era mais ou menos assim: "ainda só querem vender de duas em duas, e desse jeito eu não aceito".

Mais tempo se passou, e esse tempo já vai ter importância na nossa história, a peça precisando ser comprada, mas quem mandou ser teimoso? Nem pensar em comprar as 2 unidades juntas.

Finalmente, vem o telefonema salvador. Depois de muita lábia e com gosto de vitória nos lábios, o interlocutor comunicava que... ufa!... foi difícil, mas o fabricante topou abrir uma exceção especial e continuar vendendo para esse cliente em especial as peças de uma em uma.

Aliviado, o encarregado do almoxarifado retrucou com um "que maravilha, podemos voltar a fazer negócio. Me mande duas peças unitárias".

Pano rápido.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 36

Bom, Bonito e Barato

Tem um passarinho que volta e meia entra na minha sala e desanda a cantar. O danado é bom programador, conhece um bocado do mercado de informática e às vezes faz previsões que acabam se confirmando na lata. Ultimamente, tem falado (piado) muito sobre o tema software livre. De fato, o custo da plataforma de software de qualquer micro não pára de crescer e se não quisermos estourar todos os orçamentos, há que se buscar alternativas de menor custo e eventualmente de maior confiabilidade.

Este artigo não vai enveredar pelo acerto ou desacerto de trabalhar com plataformas proprietárias ou livres. Claro está, que muito papel e tinta podem ser gastos defendendo uma ou outra posição. Declino da controvérsia por uma única razão: embora argumentos técnicos pesem e sejam basilares, não nos enganemos, a componente ideológica desta discussão não é desprezível. Assim, apesar da insistência do passarinho, passo ao largo da disputa.

Ao contrário, este artigo mostrará números. Ele buscará responder a pergunta sobre qual é o desempenho medido com um cronômetro de um mesmo programa fonte sendo executado na mesma máquina em duas situações distintas: na primeira, com o sistema operacional proprietário e na segunda com o sistema operacional freeware.

Usei como linguagem de programação uma bem antiga, mas que continua sendo um monumento à capacidade intelectual da raça humana: refiro-me ao APL. Embora os seus adeptos no Brasil caibam todos dentro de um fusca, fora do país a realidade é outra. Há um renascimento de aplicações, versões, programas, congressos, publicações etc.

Infelizmente (ainda) não há um mesmo interpretador freeware que rode tanto no sistema operacional windows quanto no linux. Mas há promessa

para breve da liberação da versão linux do interpretador APL2C, que por enquanto só está disponível para Windows.

Foram desenvolvidos 2 benchmarks, sendo o primeiro a geração de 100.000 números aleatórios entre 1 e 100.000, fazendo-se para cada um deles 5 conversões entre inteiro e string de caracteres.

O segundo benchmark foi um programa simples que implementa 3 loops embutidos (um dentro do outro), cada um com 100 variações de índice, totalizando 1.000.000 de iterações.

A linguagem APL encontra ambientes estáveis, disponíveis e gratuitos para todas as plataformas testadas. Esta abordagem foi a escolhida por permitir usar rigorosamente os mesmos programas fonte nas 3 pesquisas (Windows, Dos e Linux). Não se mudou uma vírgula sequer.

No ambiente WINDOWS desenvolveram-se estas funções em 2 ambientes: o primeiro mais antigo é orientado a caracter e, portanto sob DOS. O segundo, já usa os recursos do WINDOWS de maneira plena, principalmente a memória, que na versão DOS fica limitada aos infames 640K. Os produtos usados foram o APL*PLUS versão 6 para DOS (disponível como freeware em <ftp://watserv1.uwaterloo.ca/languages/apl/apl-plus/>), e o produto APL2C versão 5.0.3 para WINDOWS disponível em <http://www.apl2c.com>.

No ambiente LINUX, além do próprio linux na distribuição red hat, versão 7.0 (disponível em <http://www.redhat.com>, além de milhares de outros locais na Internet) usou-se o SHARP APL, que não tem custo na versão para linux, disponível em <http://www.soliton.com>.

Usei um mesmo computador PC de 400 MHz de ciclo, contendo 64 Mbytes de memória real. O windows utilizado foi o Windows 98.

Obviamente, nos 3 casos o resultado líquido da computação foi o mesmo, o que era esperado desde o começo. Refiz o teste em diversos outros computadores variando o processador e a memória. Todos os resultados obtidos são coerentes com o resultado numérico acima. Se alguém quiser repetir estes (ou outros) testes, o computador mencionado está à disposição, já que ele foi especialmente designado para ser usado neste tipo de avaliação e aprendizado.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 37

Minha Mulher Enlouqueceu

Nosso protagonista ainda está conosco, mas esta história me foi contada por colegas dele do emprego anterior, muitos anos já passados. Era num banco de Curitiba que foi vendido. O tal do banco ia implantar um sistema em várias grandes agências pelo Brasil afora. Como o titular desta história tinha parentes em Lins (SP), foi logo avisando: "quando chegar a vez de Lins, eu vou!". Pois bem, a vez de Lins chegou e a viagem foi marcada.

No dia em questão, viagem preparada para o final da tarde, chega o bacana logo cedo na sua sala de trabalho, carregando a mala trazida pronta de casa e avisando aos 4 cantos que hoje à tarde iria para Lins rever sua cidade querida.

A sala de trabalho era um pool, contendo cerca de 30 ou 40 analistas e programadores. Agora, prezado leitor, raciocine comigo: quarenta pessoas inteligentes, com iniciativa, sendo interrompidas em seu trabalho pela entrada voluptuosa do analista que ia viajar, ouvindo a história e se entreolhando ao final dela... Boa coisa não ia dar, não é mesmo?

E não deu, como se verá. Perto do final do expediente da manhã, o analista foi chamado pelo seu gerente (estaria o gerente mancomunado? Nunca se soube) para uma reunião demorada fora do prédio. Foi a deixa para 3 ou 4 forças tarefa serem disparadas, também para fora do prédio, na busca de coisas pequenas e pesadas, muito pesadas.

A equipe vencedora foi a que trouxe 4 tijolos de concreto, pequenos mas muito pesados. Daí, parte da equipe passou a fazer campana sobre o analista enquanto a outra abria-lhe a mala, organizava cuidadosamente as suas

coisas, para não estragar o belo trabalho, arrumatório da mulher do analista, e abria espaço. Se você pensou no que pensou, acertou: três tijolos foram parar dentro da mala. O quarto não coube e foi descartado. A mala foi fechada e lacrada de novo e colocada no mesmo lugar onde estava.

Perto do final da tarde, entrou o analista, agarrou a mala, levou um susto e saiu com pressa para o aeroporto. Os mais próximos apenas puderam ouvir um murmúrio entredentes "minha mulher enlouqueceu? O que ela botou de tão pesado nesta mala?".

Passadas duas ou três semanas do retorno dele, passada a fúria com os colegas de trabalho e já entrando no clima da brincadeira, foi possível descobrir o que aconteceu: primeiro, houve excesso de bagagem no aeroporto que teve de ser pago cash, no embarque. Depois, a alça arrebentou, a trouxa se transformou numa mala sem alça literalmente. E, finalmente, chegando na casa da tia em Lins, rodeado pelos sobrinhos, lembrou que trouxera umas lembranças de Curitiba para distribuir. A gurisada curiosa não deu folga e logo rodeou a mala enquanto esta era aberta. Os piás levaram um susto: acharam que o tio tinha trazido tijolos de Curitiba para as brincadeiras de Lins.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 38

Coelho Ressuscitado

Esta história não é sobre computadores, mas como estamos na época do coelhinho da páscoa, vai aí a história do:

Coelho Ressuscitado

Amigo meu, mora em um condomínio fechado. Ele foi para lá para poder criar bichos, de que gosta muito. Tem um gatinho feioso, mas muito fofo e um cachorrão com cara de maus bofes, mas que é um doce de criatura, incapaz de mal fazer a uma mosca.

O condomínio é liberal nessas coisas, mas o cachorro – pelo tamanho e pela cara de poucos amigos – está proibido de sair de casa sem coleira e focinheira.

Já o vizinho do meu amigo, também gosta de bichos, mas tem uma visão meio oriental e zen. Ele (na verdade a filha dele) contenta-se com um delicioso coelhinho de pêlos brancos e macios e de olhos vermelhos, que residia em inofensiva jaula nos fundos da casa.

No último feriadão, em pleno verão, o condomínio ficou meio deserto, todos foram à praia. Foi o que bastou para o meu amigo condoer-se daquele cachorrão, tão assustador quanto inofensivo, para soltar-lhe as amarras. Livre daquela corrente horrível o danado desembestou-se a correr e latir e divertir-se terreno afora.

Uma hora, o cachorro sumiu. Foi pouco tempo, uns 3 ou 4 minutos, mas bastou para que a família toda saísse procurando pelo dito cujo.

Nisso, vem ele todo alegre trazendo um brinquedinho na boca. O brinquedinho era meio difuso, numa cor indefinida, mas seguramente cheio de terra e barro. Quando se aproximou mais, o cachorro causou um susto e tanto. Horror! Terror! O cachorro trazia o cadáver do coelhinho da vizinha. O

pobre animalzinho estava todo sujo de sangue e de terra, provavelmente fora esfaqueado pelo fera que o trazia subjugado.

O cachorro tomou uma carraspana, foi agredido e trancado em seu canil. Ameaçado de deportação e morte, só lhe restou ficar quietinho no seu canto, sem muito entender.

O dono do cachorro era só preocupação com a dona do coelhinho (e com a bronca do pai da dona...). Disposto a eliminar evidências e a transferir a culpa a um vago acidente com o coelhinho, limpou-o como foi possível do sangue e da terra e levou-o com cuidado até sua gaiola, onde foi posto como se dormindo estivesse.

A família passou a viver em constante apreensão. Afinal, o feriado se acabou e todos os moradores voltaram a povoar o condomínio. O vizinho quieto, nada disse nem fez. Os nervos do meu amigo, dos seus filhos, da sua mulher e do cachorro estavam a flor da pele. Talvez pior do que uma explosão de furia e incriminação era aquele silêncio parado e a pose de "tudo bem" que emanava por ali.

Duas semanas se passaram, até que o meu amigo não aguentou. Um sábado pela manhã, ao ver o vizinho à toa, na frente da casa, não resistiu e foi lá especular. Deu-se o seguinte diálogo:

– E aí vizinho, tudo bem?

– Tudo, tudo mais ou menos.

– É mesmo? o que acontece?

– Pois conosco está tudo bem. Minha mulher que anda pensando umas coisas diferentes...

– Como assim?

– Cá pra nós, baixinho que ninguém nos ouça. Ela acha que a casa que compramos é mal-assombrada.

– ???

– Veja só, há uns 15 dias o coelhinho da minha filha morreu. Foi uma tristeza, mas enterramos ele no quintal, teve velório e minha filha até botou uma flor em cima. Daí veio o carnaval, viajamos e quando voltamos, onde estava o coelho? Na gaiola. Como ele foi parar lá? Minha mulher quer se mudar.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 39

Cadê a Estátua?

Final da gestão passada, a CELEPAR fazendo 38 anos de idade e a direção buscando alguma lembrança para ofertar aos colegas que faziam 15, 25 e 35 anos de CELEPAR.

Na sala do presidente havia uma escultura do símbolo da empresa (uma bola com 2 hastes). Uma coisa é vê-la impressa nos papéis mas outra é vê-la como objeto tridimensional: é bem melhor.

Uma sacada que surgiu foi preparar uma réplica e oferecê-la aos funcionários mais antigos. Assim, colega nossa, da área administrativa, recebeu a incumbência: - descubra quem pode reproduzir o logotipo em pedra e quanto isso custa. Mas, tome cuidado com o nosso símbolo, é peça única e rara.

Missão dada, missão recebida, mãos à obra: busca daqui, telefona de lá, negocia, pechincha e entre as idas e vindas, um desastre acontece: a base da peça, de uma pedra lustrosa e bonita acabava de se rachar ao meio.

Ó céus, ó vida. Que fazer? Toca a procurar os mesmos fornecedores, agora com pedido mais urgente e premente: consertar a traquitana, que assim ela não pode ser devolvida, pescoços correm riscos. É claro que o primeiro consultado não podia, o segundo não sabia, o terceiro não tava a fim, o quarto quem sabe depois de janeiro, ufa, ufa. Só lá pelo décimo que se achou uma alma bondosa que se comprometeu a restaurar a coisa. Seu atelier era lá no Umbará, mas que remédio, o preço era meio salgado, não importa: pode fazer. Leva, busca, atrasa, adianta, que canseira.

Peça consertada, orçamentos feitos, finalmente livre desse abacaxi, vem a contra-ordem: - estes orçamentos estão muito altos, veja com este artesão, meu amigo, lá de Campo Largo. Que furada, tudo de novo. Pelo sim, pelo não, ligou-se para o artesão: ele que viesse buscar a peça, que gato

escaldado de água fria tem medo. Foi difícil convencê-lo, mas finalmente o homem veio. Recomendou-se a ele todos os cuidados: a peça é frágil. Não se fez de rogado. É batata, amanhã devolvo a peça e o orçamento.

Veio amanhã, veio depois de amanhã, veio o depois de depois de amanhã e nada nem do homem, nem do orçamento e principalmente nem da peça. O presidente cobrando e o saco de desculpas se esgotando, até que finalmente o sujeito dá notícias: saindo da CELEPAR, com a estátua embaixo do braço sendo conduzida com todo o cuidado, a base da mesma fez CREEEC, e quebrou-se em 4 ou 5 pedaços. O atraso foi porque houve que se comprar uma pedra igual à da base em São Paulo, demorou quase 2 semanas.

Mas, finalmente, um mês depois do início do movimento, a peça pôde ser guardada na sua vitrine. Sair dali nunca mais. Com tudo isso, a festa dos 38 anos já tinha vindo e ido, os aniversariantes ganharam um relógio com o símbolo da empresa e a história foi mandada para o arquivo morto: assunto terminado e encerrado, ainda bem.

Só que a última palavra ainda não estava dada: 3 semanas mais tarde, quando uma secretária distraída resolveu fazer faxina num armário de canto meio esquecido, abriu uma porta e o que havia lá? Dezenas de esculturinhas iguais àquela que fora tantas vezes restaurada.

À toa, como se viu.

Autor: Pedro Luís Kantek Garcia Navarro

Capítulo 40

Software Livre: Porquê?

Prezado leitor, pensemos juntos. Se você tivesse que responder à pergunta “porque software livre?”, diversas coisas poderiam ser cogitadas, vamos lá.

Uma boa poderia ser porque software livre é bem mais barato. Se imaginarmos o custo de uma caixinha de software contendo o sistema operacional dominante no mercado e o de outra caixinha contendo a suíte de escritório do mesmo fabricante (editor de texto, planilha e criador de apresentações), chega-se facilmente aos 1000 reais. É um valor e tanto ¹, já que é quase a mesma coisa que se paga pelo hardware, no qual esses programas vão rodar.

Outra boa resposta poderia ser porque os programas em software livre são abertos. Qualquer um que tenha a curiosidade de olhar o funcionamento deles pode fazê-lo. O passo seguinte, que poucos dão, mas que merece ser considerado é a possibilidade de modificar algo nesses programas a fim de adequá-los a uma necessidade (ou idiosincrasia, não importa) particular. Finalmente, o terceiro passo, mais raro, mas ainda possível, é não só promover modificações, mas também disponibilizá-las para o resto do mundo. Também tudo livre e aberto, vá em frente, Linus Torwalds começou assim.

Alguns podem responder de maneira filosófica: o software como uma das mais nobres empreitadas do intelecto humano, não deve ficar restrito a poucos (e endinheirados) usuários. Assim, como a ninguém ocorreria cobrar de ouvidos atentos a audição da Nona sinfonia de Beethoven ou de uma abertura de Bach, também não se pode impedir que seres humanos usem do computador e de suas benesses por falta de dinheiro.

¹Dados obtidos em 4 de junho de 2003 no endereço: <http://www.precomania.com>: Office a R\$ 753,00 e Windows a R\$ 392,62.

Ainda os filósofos poderiam argüir que em um país pobre (o nosso) em vez de equipar 5 escolas com hardware e software proprietário é muito melhor equipar 10 (o dobro delas) com o mesmo recurso, agora usando software livre. Somos uma sociedade em que falta quase tudo, não há porque gastar em software, quando há uma alternativa razoável.

Os mais econômicos, para não dizer os mais pão-duros, poderiam querer o software livre para se verem livre dessa roda viva que é trocar hoje o software porque a máquina exige e depois trocar a máquina porque o software exige e depois trocar o software porque... ufa, que cansaço. Não nos esqueçamos que o editor de textos de 5 anos atrás já fazia tudo o que era necessário e mais um pouco. Todos os “melhoramentos” (notem as aspas, por favor) que vieram de lá para cá, atendiam muito mais aos desejos dos fabricantes (de hardware e de software) do que as necessidades reais dos usuários. Tá certo que agora você consegue letras cor-de-rosa, sublinhadas por amarelo piscante que tocam música enquanto são mostrados com um único toque de teclado. Mas, cá pra nós, quem precisa de letras cor-de-rosa com amarelo e ainda por cima, piscante? E com música?

Todas as respostas acima são boas. Cada um pode escolher aquela de que mais gosta. Até um mix delas pode ser produzido. Mas, a minha preferida vem a seguir:

Eu gosto de software livre porque ele é mais estável. Não dá pau. Não deixa a gente segurando o pincel enquanto a escada é sorrateiramente surrupiada. Não perdemos horas de trabalho por ter esquecido de salvar um arquivo 3 segundos antes daquela mensagem “Este programa realizou uma operação inválida ... blá, blá”. Não precisamos reinicializar a máquina 2 ou 3 vezes ao dia. Particularmente no caso de textos, há mais de 2 anos uso um compositor chamado LATEX, construído por um sujeito chamado Donald Knuth, que ficou pronto em 1982, e de lá para cá É O MESMO PROGRAMA. Só foi sendo consertado nos defeitos que foram aparecendo. Há mais de 5 anos que nenhum erro grave é encontrado no programa. Será que dá para dizer o mesmo dos softwares proprietários que andam por aí? Quando você cola uma figura no meio do texto em um arquivo LATEX pode ter a certeza de que ele sempre vai estar lá. Pode-se garantir que daqui a 10 anos vai ser possível compilar o texto, sem erro. Dá para dizer o mesmo dos softwares proprietários? Aliás, a propósito, esses dias recebi um e-mail de uma pessoa a quem não conhecia, de Ponta Grossa, desesperada porque havia recebido um arquivo formatado em Wordstar 2.10 e não conseguia achar o programa para ler o arquivo. Eu não poderia ajudar? Não, infelizmente não pude. É isso que dá considerar o software como produto de moda (mudança a cada estação do ano).

Para concluir: software bom é software velho. Como o vinho. Todo e qualquer programa (mesmo os livres, mesmo o sagrado LATEX) tem muitos

erros quando é liberado. Apenas o uso constante e contínuo pode depurá-lo. O ruim, é quando um programa que começa a ganhar confiabilidade, é substituído por sua versão nova, “MUITO MELHOR”. (as aspas, de novo). Melhor para o fabricante, é claro. Para o usuário, uma lástima.

Autor: Pedro Luís Kantek Garcia Navarro

Capítulo 41

Um Ratão Fedido

Colega nossa, há mais de vinte anos, precisou, durante um bom período, viajar toda semana para a cidade de Passo Fundo. O programa era assim: saída na sexta às 9 da noite com a chegada no sábado pela manhã. Trabalho lá no sul durante o sábado e o domingo, e retorno no domingo à noite, pronta para pegar no pesado na segunda de manhã, aqui na casa.

Como era muito cansativo e não havia ônibus leito na viagem, comprava duas poltronas juntas, levantava o braço separador, abaixava os encostos e se esparramava na cama assim formada. Só faltava botar lençol e travesseiro.

Em geral a viagem transcorria bem e sem problemas, mas essas coisas não podem acontecer durante muito tempo sem nada marcante pra contar para os netos (ou para os leitores do Bate Byte, é quase a mesma coisa).

Numa noite, fria como uma geladeira, a estrada deserta, o vento batendo firme nas árvores, profundamente adormecida, nossa personagem começa a sonhar com carniça. Vê os urubus voando acompanhando o ônibus, cada vez mais perto, voando a braços dados com ratões voadores, que no sonho tudo é possível, a fedentina aumentando, até que num solavanco maior, não dá para continuar sonhando, há que se acordar.

Procurando localizar a origem da fetidez e, ainda naquele limbo a meio caminho entre o sono e a vigília, olhando para o chão do ônibus, localizou um ratão lustroso, peludo, cheio de bigodes, encarando-a. Tamanho susto a acordou. Adeus sono, que ficar cara a cara com um bicho nojento desses é para quem tem estômago firme.

Bastou acordar para perceber o engano: não era um ratão, apenas um sapato velho, desbeaçado, com os cordões caídos (os bigodes), que se mo-

via graças aos buracos da estrada e por fim, mas não menos importante, malcheiroso como os porões de Satanás.

Um bacana qualquer no ônibus, resolvendo se pôr mais à vontade, tirou os sapatos e caiu no sono, pois afinal já devia estar acostumado aos odores. Sobrou para nossa colega descascar o abacaxi. O que fazer? Não teve dúvida: abriu a janela e despejou o ratão, digo o sapato, janela afora. Devia estar na Constituição Federal: a ninguém deve ser exigido agüentar os odores alheios. Aproveitando a janela aberta e presentindo que devia haver outro por ali, afinal, os sapatos como as desgraças sempre vêm aos pares, procurou por baixo dos bancos até achar o segundo. Que teve o mesmo fim do primeiro. Tudo resolvido, foi possível voltar a dormir.

O divertido, na chegada, foi ver um sujeito, bastante incomodado, engratado e tudo, sair do ônibus e entrar num táxi descalço como veio ao mundo.

Autor: Pedro Luís Kantek Garcia Navarro

Capítulo 42

Software Livre 42 x 15 Software Proprietário

Este foi o resultado de uma disputa travada há poucos dias no PROCON-PR. Este órgão da administração pública contava com uma rede local com algum grau de obsolescência. Há que se notar que a última evolução tecnológica efetuada pelo PROCON foi no já distante ano de 1997, quando o volume de reclamações/atendimentos era equivalente a 50% do volume atual. Foram buscados recursos junto ao Governo Federal, através do programa denominado Rede Estadual de Defesa do Consumidor. Paralelamente, o PROCON e a CELEPAR trabalharam em novo sistema de informações denominado Procons Municipais para substituir o antigo Sistema de Defesa e Proteção do Consumidor que havia sido feito em Clipper, há mais de 10 anos.

O projeto original tinha um custo previsto de R\$ 110.000,00 e nele estavam cotados 2 servidores (um de rede local e outro contendo a aplicação), 15 estações de trabalho, 2 impressoras, 1 licença de sistema operacional proprietário para o servidor, 1 licença de banco de dados proprietário, 15 licenças de sistema operacional para as estações e licenças de antivírus para todas as estações.

Um trabalho conjunto entre GAC (Ciro Martins) e GTI (Ruben C.Macedo) para revisar o projeto, resultou na alternativa que foi apresentada e debatida com o PROCON (M.Izabel Verni de Castro), sendo aprovada pelo seu Coordenador Algaci Tulio. Essa alternativa transferiu a aplicação para as dependências da CELEPAR, liberando de imediato um dos servidores. Mas a principal mudança foi a utilização de software livre tanto no servidor quanto no gerenciador de banco de dados e nas estações. Note-se que para

o usuário final do PROCON nenhuma diferença haverá, já que o sistema que vai dialogar com as pessoas é o mesmo em ambos os casos, é o que está sendo feito pela CELEPAR. Apenas camadas internas do software é que estão sendo modificadas.

Feita a mudança e deixando-se de comprar todas as licenças originalmente necessárias e incluindo-se ainda os antivírus, que ainda não contam com soluções em software livre que sejam confiáveis, chegou a hora de refazer a quantidade de estações e comprar mais algumas com o dinheiro que sobrou das licenças não compradas.

Até a equipe de projeto se assustou com o número encontrado. Com os mesmos R\$ 110.000,00 está sendo possível comprar 42 estações de trabalho ao invés das 15 originais. Veja lá, leitor, não são duas ou três estações a mais. O número simplesmente quase triplicou. É por isso que a idéia de software livre entusiasma e contagia.

PS: este texto foi escrito usando Open Office 1.0.3, que é livre, pode ser copiado e usado, e funciona!

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 43

O Alto-Falante do Diabo Fumante

Periodicamente somos visitados, aqui na CELEPAR, por algumas figuras estranhas. Ainda na semana passada, em pleno expediente, entraram 3 bruxas na minha sala. Só não entraram voando na vassoura, faltou o gato preto, mas no resto eram perfeitas encarnações da dita cuja. Vinham me convidar para participar da semana de Qualidade de Vida.

Há uns 2 anos, em plena campanha anti-fumo, pudemos acompanhar a visita que um anjo e um diabo fizeram às salas. Entravam em cada uma assustando e ameaçando os fumantes. O diabo portava um vistoso tridente e pobres dos que com ele fossem ameaçados. O anjo e o diabo competiam por atenção e, infelizmente, sou obrigado a dizer que o diabo era muito mais divertido. Chamava a atenção e prendia-a com seus arrufos. Informava a cada fumante estar ansiosamente esperando cada um deles lá nas profundidades do inferno. A roupa dele tinha um imenso rabo terminado por uma flecha, como aliás devem ser os rabos dos diabos decentes. A ponta do rabo do diabo se enroscava e se prendia nos pés dos móveis enquanto o diabo andava. A calça do uniforme já andava meio frouxa de tantos puxões que levava, e às vezes era possível enxergar a calça jeans que o diabo levava vestido por baixo da farda demoníaca. Nada que atrapalhasse o visual e a diversão. Já o anjo (ou era uma “anja”?) era mais suave, mais light, fala mansa, exortando as pessoas a largarem o cigarro para não terem de se haver com o “colega”.

Muda a história e avança um ano no tempo. Vamos para um encontro de toda a comunidade de informática do Estado (a CELEPAR incluída). Foi no Canal da Música, para as festividades do lançamento do Congresso

Internacional de Software Livre que deve ocorrer agora, ao final de 2003, e também para o lançamento do novo portal do governo (www.pr.gov.br) que acabara de ser refeito em software livre.

A festa foi bonita, mas algo demorada. Depois do seu encerramento, ao sair, já no começo da noite, por volta de 19h30, uma colega nossa, ao chegar ao carro, notou o mesmo arrombado. Os bandidos haviam aberto o carro, quebrado um vidro e furtado o CD player, além de haver danificado a instalação dos alto-falantes.

Chateada pelo acontecido, nossa colega foi para casa e no caminho lembrou-se de uma loja de som para carros atrás do Tribunal de Justiça, a dois quarteirões da CELEPAR. Programou-se para, amanhã, deixar o carro lá para ser consertado.

No dia seguinte, chegando na loja de som, foi atendida por um funcionário atencioso e muito falante. Foram os dois examinar o carro, e durante a conversa nossa colega teve a nítida sensação de já ter conversado com aquele funcionário. Mas como, se nunca havia posto os pés naquela loja?

Discute sobre o conserto, avalia alternativas de correção do estrago dos bandidos, palpita daqui, e a sensação cada vez mais forte. Até que não resistiu e lançou a pergunta: “já não se conheciam?”. O vendedor deu de ombros e disse que provavelmente não, estava há pouco em Curitiba e sempre trabalhara naquela loja.

Nossa colega não desistiu, continuou dando tratos à bola. É excelente fisionomista, não havia de se esquecer. Pensa daqui, e de lá, e nada feito. A memória se recusando a colaborar.

Já terminando a transação, combinados pagamento, prazo do conserto e outros detalhes que tais, o vendedor puxa um cigarro e quando vai acendê-lo, vem o estalo: “o diabo!”. Ele mesmo, em carne e osso. Relembrado do fato, os dois reviveram o episódio e riram dele. Pois não é que o sujeito era vendedor de alto-falantes de profissão e diabo de bico? E, ainda por cima, fumante?

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 44

Quem Disse Que Não Há Pimentões em Novembro?

Antes de prosseguir, uma explicação: os pimentões de que fala o título são aqueles vermelhões, rubros, berrantes, sanguinários até.

Vamos para nossa história. O cenário: Conferência Internacional de Software Livre, no Centro de Treinamento da Brasil Telecom em Curitiba. Cerca de 1500 participantes, pelo menos 6 palestras ocorrendo em paralelo, feira, eventos, convidados internacionais, motoristas perdidos, uma que outra autoridade, ministro chegando, comes e bebes, tudo rolando nos trinques.

Não sei se o prezado leitor sabe, mas organizar um evento nesses moldes dá um trabalhão danado. A quantidade de coisas que podem dar errado é imensa, e existe aquele célebre pensador, creio que se chama Murphy, que não deixa ninguém dormir sossegado.

A equipe organizadora está de parabéns. Alguns diriam que milagrosamente deu tudo certo. Outros, mais descrentes, mandariam uma banana para o milagre, diriam que deu tudo certo porque a turma que arregaçava as mangas trabalhou 26 horas por dia. Salomonicamente, fiquemos com as duas explicações, ambas devem ter um fundo de verdade.

Nossa colega Elaine estava de plantão durante todo o evento. Aparentemente ela decidira, como coisa pessoal, que nada daria errado. E, portanto, nada daria errado. Caso encerrado.

Um dos palestrantes, era um tal Timothy Ney, que todos sabemos ser um bacana no mundo do software livre, conhecido e reconhecido em qualquer evento internacional desse tema. O problema é que só o conhecemos pelos

seus escritos, estes sempre sérios e comportados, como se poderia esperar de um cientista importante.

No dia da palestra dele, o presidente da mesa o chamou e começou o que aqui chamarei de “a performance”. Imagine, prezado leitor, o Mr Bean, aquele inglês metido a sonso da televisão. O conferencista era pior. Chamado, ele começou a se fazer de manhoso e a andar aos trambolhões, como se perdido estivesse. Sem perceber nada (ninguém ainda tinha sacado a performance) a nossa Elaine mais do que rápido se dirigiu ao sujeito para guiá-lo até a mesa. Essa providência era necessária, o lugar estava cheio, e o sujeito realmente parecia perdido.

Quando a Elaine chegou perto dele, foi logo informando: “Ai donti espeki inglish”, mas o que o bacana tinha em mente era pura mímica, prescindia do idioma, e ele sorriu por dentro: aqui estava a sua vítima. A Elaine agarrou o sujeito pelo braço para levá-lo. Foi o que bastou para ele começar a se recusar a andar. A situação ficou assim: a Elaine puxando o gringo e ele se recusando a andar. No começo a platéia (e a Elaine) levaram um susto. Aos poucos, a gaiatice foi percebida e um sorriso começou a aflorar em todos. Todos não: o Timothy era a seriedade em pessoa, e a Elaine tinha acabado de perceber em que mico recém entrara.

Aos trancos e barrancos (neste caso literalmente falando) algo simples como conduzir uma pessoa até uma mesa estava se desenrolando cheio de sobressaltos e dificuldades. Já próximo ao final, ao ver uma cadeira vazia, o Mr Bean abriu os braços, soltou o ar com arrufos e sentou-se resolutamente nela, olhando desafiadoramente, daqui não saio, daqui ninguém me tira, para a Elaine.

Ela é valente e valorosa, mas o rosto e o pescoço pintaram-se de vermelho. Eis a razão do pimentão no título. Que sufoco. Como a coisa terminou: quando finalmente ele começou a falar, era a seriedade em pessoa. Parecia um varão de Plutarco, deu uma palestra e tanto. Sobre a performance, nenhum comentário, era desnecessário. Foi aplaudidíssimo.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 45

Esposa Amorosa Manda uma Banana para o Marido

No sábado passado, a Fundação CELEPAR organizou mais uma das suas excursões inesquecíveis. O destino desta vez era o roteiro das cachoeiras no município de Corupá, Santa Catarina, a 150 Km de Curitiba. O passeio é massa, são 14 cachoeiras. O Rio Novo desce de 800m de altitude para pouco mais de 100m que é a altitude da sede do município. Esse desnível todo corre em pouco mais de 3Km que é o comprimento do canion que o rio forma. Está aí explicado o porquê das 14 cachoeiras. Tem lugar para muitas mais. Podiam ser 40 ou 50. Desnível é o que não falta.

Chegamos no lugar às 11h30, calçamos botas e tênis, carregamos as mochilas e, devidamente orientados por 3 guias, olhamos para o alto e: “cachoeiras, aqui vamos nós!” Ainda bem que o dia estava nublado e não era possível ver o tamanho da empreitada que nos esperava. Afinal, os 600 metros que subimos equivalem a um edifício de 200 andares, cerca de 3600 degraus, por baixo.

Trata-se de uma reserva particular, muito cuidada, com uma estrutura bem legal no início do passeio. Lá chegando fomos cercados por um sujeito falante que nos entregava material promocional e não cessava de louvar as delícias da cidade. Depois fomos descobrir que era o Secretário Municipal de Turismo de Corupá. Atuante o Secretário, não dá para negar.

49 celeparianos e agregados começaram o passeio. E tiveram de terminá-lo, não há como voltar no meio. É uma caminhada em fila indiana, atravessando pontes pênseis, desfiladeiros, trilhas rentes à montanha. Fotos e

filmes aos montes. Todos contando as cachoeiras, o número mágico era 14. Quando chegamos na 13, houve um alívio geral: só faltava uma. Era só uma, a maior, a mais bonita e, obviamente, nem precisava falar, a mais difícil de chegar. Finalmente, por volta de 14h30, três horas depois de começar, chegamos nela. Um detalhe interessante, nestes tempos globalizados, é que no pé da última cachoeira, no meio do nada, distante 3 horas de caminhada de qualquer civilização, o sinal do celular era forte e presente. Em compensação, no início do parque, junto a toda a infra-estrutura existente, o telefone estava mudinho da silva, não tinha sinal. Sinal dos tempos, não há dúvida.

A volta foi por outro caminho, sem nenhuma cachoeira, mas com adrenalina de sobra. Para quem reclamou da subida, a descida foi pior, você tem de, literalmente, agarrar-se nos seus calçados, sob pena de despencar a ribanceira.

Às 17h00 chegamos, bebemos tonéis de água e embarcamos nos veículos para um delicioso café colonial que nos esperava logo ali na estrada. Foi o momento em que ocorreu o fato que dá título a esta crônica. Antes de contar o caso, uma constatação: a economia de Corupá gira em torno da banana. Vêem-se bananas e bananeiras para qualquer lado que se olhe.

Estava a van cheia de gente cansada e esfomeada, em direção a um maravilhoso café, quando nos vimos presos, numa estradinha vicinal, por um trator puxando um reboque cheio de bananas. O trator tinha duas características: era barulhento e lerdo, lerdo como só ele. Dirigia o trator o maridão, que ia tranquilo e sereno. Sentada na borda do reboque e olhando para trás, ia a esposa. Quando a van encostou no reboque, sem fazer alarde ou buzinar, a mulher do sujeito ficou algo incomodada: o trator ia muito devagar. Ela dirigiu um grito para o marido deixar passar a van. Quem disse que o marido ouviu? Cada vez mais incomodada, a mulher bateu na lata do reboque, fez um escarcéu danado, toda a van já acompanhava o desfecho e o maridão: nada. Dirigia no mundo da lua, conhece aquela estrada como a palma da mão, que pressa há de ter?

Gritos, escândalos, agitação de mãos e pés nada adiantou. Até que a mulher, que pelo visto tinha iniciativa, teve a grande idéia. Arrancou uma bananona, daquelas verdes, pôs-se de pé sobre o reboque, mirou certa e ... pam, tascou a banana no maridão, que levou um susto, olhou para trás, tomou ciência da mulher e da van, nessa ordem, e finalmente saiu para o lado. A mulher abriu um sorriso e deu tchau para todos. Foi aplaudidíssima.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 46

Uma Corrida Maluca Moderna

Todos (bem, quase todos) devem se lembrar de um filme famoso com Tony Curtis, nos anos 70, em que uma corrida de carros teria lugar entre Paris e Moscou. O vilão era o Terry Thomas, aquele com os dentes da frente bem separados, um pândego. Depois teve um desenho animado baseado naquele filme, que vive passando na TV a cabo, em que um cachorro - acho que se chama Mutlig - tem uma risada característica (e enervante).

Agora, no século XXI, temos uma nova corrida maluca. Antes de descrevê-la, fico triste por ter de comentar uma iniciativa militarista, promovida para matar mais gente terceiromundista a custos (em vidas americanas) menores. Feita a ressalva, passo a descrever a corrida, pois do ponto de vista da ciência da computação ela é “o bicho”.

No dia 14 de março de 2004, até 20 competidores sairão para uma corrida de cerca de 400Km no Deserto de Mojave (entre Las Vegas e Los Angeles). Os veículos deverão fazer o trajeto em menos de 10 horas e o vencedor será aquele que for mais rápido. Se nenhum veículo ganhar, o concurso se repetirá anualmente até 2007.

Qual é a dificuldade? É que os veículos deverão ser autônomos, sem motorista e sem conexão de nenhum tipo a operadores humanos ou sistemas de controle não embarcados. Em outras palavras, a corrida é entre robôs e se hoje em dia é fácil construir um robot que ande a 1 ou 2 Km/hora, ainda não se tem idéia de como fazê-los andar 400Km na média de 40Km/hora de velocidade. A única iteração permitida entre homem e veículo é um botão de emergência que, quando pressionado pelo homem, determinará a completa parada do veículo.

O concurso atende pelo nome de “Grand Challenge” e é uma iniciativa da DARPA (Divisão de Pesquisas do Departamento de Defesa Americano <http://www.darpa.mil/grandchallenge/>). Em fevereiro de 2003 o concurso foi lançado. A DARPA esperava até 20 competidores, mas inscreveram-se mais de 100 deles. Como a carreira será escalonada, já que cada um deles vai sair em um determinado tempo, como se fosse um rali de regularidade, a DARPA acabou escolhendo os 20 mais promissores. E com isso deixando 80 competidores furos de raiva, pois esta redução não constava do planejamento original, foi um típico “tapetão” como se diz no futebol.

Os veículos deverão ser terrestres, não podem voar, mas podem saltar. Não podem atrapalhar os demais competidores. Terão de passar por obstáculos (estradas, viadutos, pontes sobre rios...). O real trajeto, através de suas coordenadas GPS, só será divulgado 2 horas antes da largada, através de um CD com o trajeto que a DARPA liberará aos competidores. Cada veículo terá de escolher o melhor caminho, viajar através dele e ainda evitar obstáculos recém introduzidos, por exemplo, o competidor anterior ter batido numa árvore e estar ali parado no meio da estrada. A rota será definida por meio de uma “estrada virtual” que terá larguras variando entre dezenas e centenas de metros. Qualquer saída desta estrada penalizará o competidor. Em alguns pontos chaves o sinal do GPS será apagado, a fim de obrigar que os competidores não se apoiem apenas nesta tecnologia.

As equipes mais robustas contam com patrocínio de fornecedores de tecnologia e de universidades famosas, tendo já investido centenas de milhares no projeto. As mais simples investiram entre 20 e 50 mil dólares. O prêmio prometido pela DARPA ao vencedor é de 1 milhão de dólares.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro

Capítulo 47

Cachorro ao Rio

Antigamente, o grito era de “homem ao mar”. Nesta história, é de “cachorro ao rio”. Trabalhávamos todos, calmamente pensando, escrevendo e matutando, quando lá pelas nove e meia da manhã de um friorento dia de julho, veio a novidade: um cachorro havia caído na calha do rio Belém aqui ao lado. Graças aos céus, fazia frio e há muito tempo que não chovia: a calha estava meio seca, dava para o cachorro se movimentar e fazer muito, muito barulho.

A notícia se espalhou rápido e se o nosso prédio fosse algo mais frágil, era capaz de vergar tamanha a quantidade de pessoas que acompanhavam pelas janelas o drama canino.

Bote drama nisso, o infeliz animal gritava, uivava, latia e grunhia assustado. Era um pastor alemão, meio criança ainda, animal tratado, via-se que fugira e dera-se mal.

Chamados os bombeiros, aqui compareceram, como anjos da guarda que são. Tá certo que salvar cachorros de rios não é bem a especialidade deles, mas eles não recusam serviço: puseram uma escada e dois deles desceram na calha na busca do animal, que, em vez de se mostrar agradecido pela ajuda e constrangido pelo transtorno, foi por outro caminho. Transformou susto e pavor em agressividade e nada de se deixar apanhar. Foi um corre-corre lá dentro, regado a gritos e latidos, ameaças e chamegos.

Aqui fora, juntara uma pequena multidão acompanhando o desenlace. Impossível permanecer impassível. Tanta gente apareceu e tamanha balbúrdia se fez que, na Lysimaco Ferreira da Costa (para os que não são de Curitiba, é uma rua que passa sobre o rio e ao lado da CELEPAR), o trânsito parou em desordem.

Um motoqueiro curioso, parou. Outro que vinha atrás também parou. Mas, devia ter parado antes, pois encheu a traseira da moto da frente. Ambas motos saíram voando. Esta para a direita, aquela para a esquerda enquanto o motoqueiro foi para a frente. Aterrisou lá longe, machucado e desacordado.

A platéia ululou. O espetáculo que já era grandioso, subitamente se vira recheado com mais drama e emoção. Os bombeiros que estavam por alí, chamaram seus colegas do SIATE para recolher o motoqueiro. Os resgatadores do cão saíram correndo do rio para acudir o motoqueiro enquanto os paramédicos não chegavam. Alguém chamou a DIRETRAN para tentar botar ordem no trânsito. O cachorro sentou para esperar.

Chega a ambulância, barulhenta como só ela, abre espaço na multidão, acode o motoqueiro, carrega-o e xispa para o hospital. O trânsito volta a fluir lentamente, e... aonde é que estávamos mesmo? Ah, no cachorro. Que continuava lá embaixo. Descem os bombeiros de novo, já sem muita paciência, que essa encrenca podia dar zebra bem maior. Cercam o bicho, agarram-no e sobem com ele até o nível da rua. A saída foi até engraçada: o cão fora laçado pelo pescoço e o bombeiro não estava a fim de se arriscar muito. Como tirá-lo de lá? O sujeito não se fez de rogado: puxava o cachorro pela corda. A platéia apupou: o pobre estava sendo esganado. Ia ser engraçado se para salvar o cachorro ele tivesse de ser enforcado. Enfim, aos trancos e barrancos, acabou. Aplausos para os bombeiros.

Terminando, a pergunta: o que fazer? Não há quem reclame o cachorro, não é o caso de levá-lo para algum lugar, então, os bombeiros soltam-no e vão embora, ligeirinho, antes que outra ocorrência os obrigasse a atuar.

O cachorro, repentinamente solto, ainda assustado, sai por aí. Foi na direção do Centro Cívico e inesperadamente voltou. Atarantado estava. Tanto que, ao cruzar a Lysímaco, uma freiada, uma nova quase colisão: um carro deixa de atropelá-lo por um triz. Quem da janela acompanhava, emitia opinião: isso não pode acabar bem.

Nessas horas, sempre há os defensores dos animais, ainda mais de um filhotão, bonito e garboso como só ele. Da janela, grita-se para o vigilante colocado no portão da CELEPAR: “atráia o bicho”, é o pedido. Com palavras amigas, é o que o vigilante faz. Com o animal para dentro do estacionamento, ele tranca o portão, para alegria geral.

Só que, um problema restou: ninguém entrava ou saía de carro da CELEPAR, que o cachorro podia fugir. Nesse impasse estávamos, quando uma alma caridosa que já tem 8 gatos e 8 cachorros em casa, pensa “para quem já tem 16, 17 não fará muita diferença”. Desce lá, carrega o bicho, sujo como ele só, bota-o no carro, até então impecável, e vamos para casa. Aliás, mandaram eu retificar uma parte mais escabrosa que por pudor eu

havia omitido na primeira versão deste texto. Sujo o bicho estava, não há dúvida. Além de sujo, fedido. Borrara-se todo no episódio. Durante o stress, seus intestinos desarranjaram-se, uma lambança só.

O final da história? Lá chegando, foi uma dificuldade tirar o cão do automóvel. O danado gostara da mordomia. Até limpar o banco do carro, tirar o bodum, a catinga do cachorro, do carro, limpar a bolsa e as roupas, além de tomar banho, foram mais 2 horas de trabalho. Por volta das 15h todos, inclusive a feliz proprietária do desamparado, mas nessas alturas cheiroso cão, já haviam voltado a matutar, escrever e pensar.

Autor: Pedro Luis Kantek Garcia Navarro